



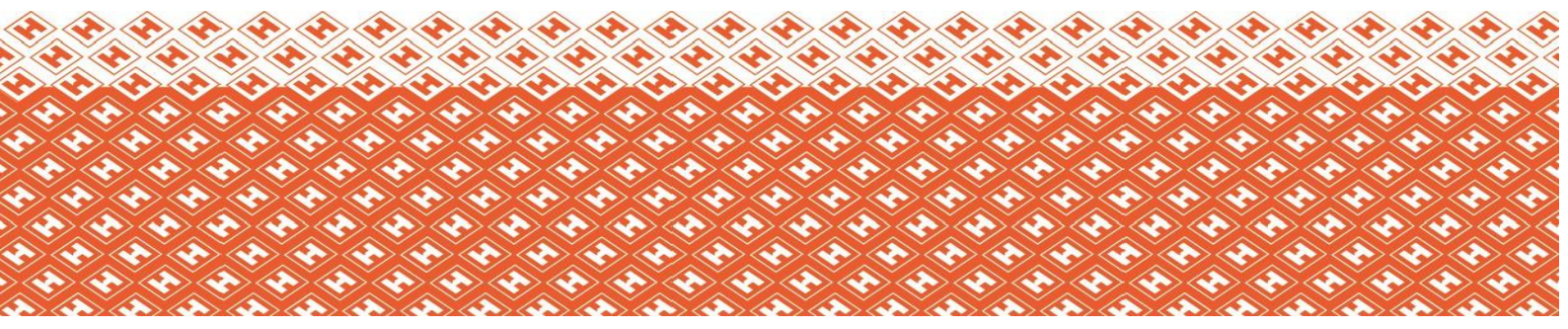
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

KLEIDIANE SANTIAGO DE SANTANA

**ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E RAÇA: A HISTÓRIA DA
CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DO PAPAGAIO CONTADA POR
MULHERES PRETAS (FEIRA DE SANTANA-BA)**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA
SALVADOR
2024



FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

S232e

Santana, Kleidiane

ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E RAÇA: A HISTÓRIA DA
CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DO PAPAGAIO CONTADA POR
MULHERES PRETAS (FEIRA DE SANTANA-BA) / Kleidiane Santana.
Orientador(a): Marilécia Santos. Santos. Salvador, 2024.

95 p.

Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade do Estado da
Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
PROFHISTORIA, Salvador. 2024.

Contém referências, anexos e apêndices.

1. Ensino de História. 2. Mulheres pretas. 3. Bairro do Papagaio. I.
Santos, Marilécia. II. Universidade do Estado da Bahia. Salvador. III.
Título.

CDD: 907

KLEIDIANE SANTIAGO DE SANTANA

**ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E RAÇA:
A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DO PAPAGAIO CONTADA POR
MULHERES PRETAS (FEIRA DE SANTANA-BA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Ensino de História pela Universidade do Estado da
Bahia como requisito para obtenção do título de Mestre
em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos
(orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof. Dr. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

Profa. Dra. Luana Carla Martins Campos Akinruli
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

SALVADOR - BA
2024

A minha família, aos meus amores,
Júnior, Malú e Lili, por representarem
a minha base, minha sustentação,
minha alegria constante.
Vocês são minha maior motivação,
minha razão de ser e viver.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os momentos em que acreditei que não concluiria esse trabalho. Os percalços da vida de mãe de duas meninas pequenas, esposa e professora de três escolas, fizeram com que o processo fosse longo e repleto de dificuldades. Foram muitas madrugadas sem dormir e muitos momentos de privação. Apesar de todos os obstáculos, chegamos ao fim dessa importante etapa da minha vida. Digo “chegamos” porque essa dissertação representa uma grande vitória não apenas para mim, mas também para todas as pessoas que contribuíram para a concretização desse antigo e tão esperado sonho.

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder força, coragem, disposição, por sempre cuidar de tudo e providenciar tudo, por nunca me desamparar e por sempre escrever para minha vida histórias muito melhores do que as que planejei. Deus é bom o tempo todo!

Ao meu esposo Júnior pela parceria, cuidado, disponibilidade, paciência e amor. Por compreender o meu cansaço e desânimo em muitos momentos. Por desempenhar tão bem a função de pai, amenizando tantas vezes a ausência da mãe. Por sempre acreditar em mim mais do que eu mesma. Sem você, nada seria possível. Te amo!

As minhas filhas Maria Luíza e Maria Alice, meus maiores amores, minhas maiores motivações, minhas maiores razões para prosseguir com esse trabalho e para realizar todas as grandes conquistas da minha vida. Obrigada por, apesar de tão pequenas, apresentarem tanta compreensão e paciência. Não cabe em mim o orgulho que sinto de vocês.

Aos meus amados pais, Délia e Edvaldo, pelo amor, torcida, orações e por investirem na minha educação tudo o que era possível, mesmo em momentos de grande dificuldade.

Aos meus irmãos, Kleidson e Kelvin, parceiros de vida, pelo apoio e incentivo constante.

A minha sogra, Vera, e ao meu sogro, Luiz, que sempre vibraram com as minhas conquistas e que gentilmente aceitaram cuidar das minhas meninas para que eu pudesse participar das aulas do PROFHISTÓRIA em Salvador.

A minha amiga, colega de primeira turma, Lidiane Oliveira, por me incentivar a realizar outra seleção e voltar para o PROFHISTÓRIA. Seu conselho foi um dos melhores que já recebi na vida. Obrigada pelo carinho e torcida.

A minha orientadora, Marilécia Oliveira Santos, por aceitar o desafio de orientar uma professora de 60 horas e mãe de duas crianças pequenas. Obrigada pela parceria, cordialidade, confiança, amorosidade, flexibilidade, paciência e tolerância. Todo esse período de orientação me fez aprender muito com a profissional espetacular, repleta de experiência e conhecimento,

porém me fez aprender ainda mais com um ser humano empático e bondoso que sempre esteve disposto a me ajudar.

Aos professores Clóvis Ramaiana e Luana Carla Akinruli pelas valiosíssimas contribuições realizadas durante a qualificação e por aceitarem cordialmente o convite para participação da apresentação final deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas que tanto me incentivaram em vários momentos.

Ao bairro do Papagaio e suas mulheres pretas, em especial, Dona Vanda, Dona Teresa, Dona Rose e Samara por aceitarem participar dessa pesquisa, ensinando muito a mim e aos/as meus/minhas alunos/alunas com suas valiosíssimas narrativas. Sinto muito orgulho desse bairro e da sua história! Sinto uma admiração imensa por essas mulheres!

E não poderia deixar de agradecer, aos meus meninos e as minhas meninas do 3º ano vespertino 2023 do Colégio Estadual Teotônio Vilela, por abraçarem a minha ideia com entusiasmo e dedicação, por me motivarem a ser uma professora e um ser humano melhor, por me ensinarem tanto em tantos momentos, por ratificarem a minha crença de que a educação é o instrumento mais eficaz para a transformação da sociedade.

RESUMO

Essa dissertação foi desenvolvida a partir de uma trajetória marcada pelo sexismo e pelo racismo e as experiências vivenciadas no Colégio Estadual Teotônio Vilela em Feira de Santana que, assim como tantos outros espaços, possui muitas relações pautadas nas desigualdades racial e de gênero. Diante dessa realidade, foi lançada como proposta a construção da história do bairro do Papagaio, bairro periférico de Feira de Santana onde vive a maior parte dos estudantes, através dos relatos das mulheres pretas fundadoras da comunidade. Essa história foi construída com o auxílio dos/das estudantes do 3º ano do ensino médio vespertino e teve como objetivo principal utilizar o ensino de História como mecanismo que contribui efetivamente para a construção de projetos educativos democráticos, antirracistas e emancipatórios na escola. A pesquisa buscou a valorização daquelas que quase sempre são silenciadas pela história tradicional: as mulheres pretas. A busca por evidenciar o papel dessas mulheres enquanto sujeitos históricos teve o propósito de envolver a comunidade escolar no combate as opressões pautadas nas questões raciais e de gênero. As quatro mulheres entrevistadas demonstraram profundo amor e respeito pelo bairro onde moram, sua história, seu povo e suas características. Após a realização das entrevistas, os /as estudantes que tiveram a oportunidade de participar, escreveram breves relatos sobre suas impressões e análises. Tais textos direcionaram a realização de rodas de conversa com o objetivo de socializar as experiências e envolver aqueles e aquelas que não puderam ter contato direto com as entrevistadas.

Palavras- chave: Ensino de História, Mulheres pretas, Memória, Papagaio.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 01	18
1.1- Estudos sobre Gênero e a História das Mulheres.....	18
1.2-Gênero e Questões Raciais	28
1.3-Ensino de História e História Local.....	38
CAPÍTULO 02	43
2.1O Bairro do Papagaio	43
2.2- Colégio Estadual Teotônio Vilela-CETV	51
2.3-Os estudantes do 3º ano do Ensino Médio Regular vespertino.	54
CAPÍTULO 03	57
3.1-Primeira etapa: roda de conversa,exibição de vídeo e fotos.	58
3.2-Segunda etapa: proposta de estudo sobre a história do bairro do Papagaio a partir dos relatos de mulheres pretas.....	61
3.3-Terceira etapa: entrevista com Dona Vanda(a “mãe do bairro”).	63
3.4-Quarta etapa: entrevista com Dona Teresa, Dona Rose e Samara.	72
3.5-Quinta etapa: socialização das entrevistas.	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
FONTES UTILIZADAS:	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	91

1. INTRODUÇÃO

Se o racismo diz que eu não sei, eu vou dizer que sei ainda mais. Pra mim é muito importante desmistificar isso. Eu quero ser eu, não quero ser idealizada nem inferiorizada. Assim como todas as pessoas, quero dizer que há dias em que sei, e dias em que não sei. Às vezes eu choro e às vezes eu rio, às vezes eu quero e às vezes eu não quero. Quero ter essa liberdade humana de ser eu.
Djamila Ribeiro, 2018.¹

Quase sempre os objetos da pesquisa histórica são fruto das inquietações vividas pelos historiadores. Com a minha pesquisa não poderia ser diferente. Por ter sido vítima de uma educação escolar e familiar sexistas e ainda vivenciar o machismo no ambiente de trabalho que privilegia homens em detrimento de mulheres, sempre busquei ir além dos pequenos verbetes trazidos pelos livros didáticos em relação ao papel das mulheres na história.

A exclusão feminina dos chamados “grandes acontecimentos” não se dá acidentalmente, mas sim a partir de uma construção cultural, baseada em “pressupostos biológicos”, que propaga a ideia de que a mulher não é capaz de agir enquanto sujeito histórico, não é capaz de fazer história. Como afirma Cecília Sardenberg, as diferenças biológicas entre sexos foram e são utilizadas para justificar as desigualdades entre homens e mulheres, além de legitimar lugares de subalternidade ocupados pelo sexo feminino em vários espaços.²

Ainda no que diz respeito às minhas escolhas pessoais, profissionais e quanto ao interesse de estudo, preciso destacar a questão racial. Ser mulher no Brasil muitas vezes significa ser vítima de violência e humilhação. Ser mulher preta é ser alvo de uma exclusão ainda maior. Partindo desta realidade imposta à mulher preta, tenho como objetivo me posicionar contra o que historicamente foi construído, ou seja, “transgredir as regras” e evidenciar a importância de uma história em que mulheres pretas de periferia sejam protagonistas, destacar mulheres que lutam todos os dias por melhores condições de vida para si e para aqueles e aquelas que vivem ao seu redor.

Minha história enquanto menina preta de classe média sempre foi marcada pelo preconceito e discriminação. Filha mais velha e única mulher de pai branco e mãe preta (que não se vê como preta), fui submetida a uma educação autoritária e pautada por princípios religiosos. De acordo com a minha família presa a padrões tradicionais, a mulher deve aceitar o papel a ela atribuído socialmente de subordinação e subalternização e a última palavra

¹ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.09.

² SARDENBERG Cecília e MACEDO Márcia. *Relações de Gênero: uma breve introdução ao tema. Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais*. Salvador: UFBA – NEIM, 2011.

sempre deve ser do homem, o chefe da família. Ao homem cabe a responsabilidade de proteger a família e esta proteção significava também ter o controle da mulher e dos filhos em todas as esferas. A filha só deixaria de estar submetida a esse controle quando passasse a vivenciar outro tipo de dominação, a do casamento. Meu pai sempre me definiu como “morena” e muitas vezes ouvi que “racismo não existe, é coisa inventada por gente que quer se fazer de vítima”.

O racismo e o machismo também se fizeram presentes em minha trajetória de estudante de uma grande escola privada de Feira de Santana que os meus pais pagavam com muito sacrifício. Escola frequentada por muitos membros da elite feirense, em sua maioria brancos. Tal realidade fazia com que eu me sentisse um peixe fora da água por não desfrutar das mesmas condições financeiras, ser mulher e preta.

Nunca esquecerei do dia em que uma amiga me disse que o seu pai não aprovava a nossa amizade por conta da cor da minha pele. Tinha apenas 13 anos de idade e cursava a sétima série (hoje oitavo ano). Acredito que esse foi o primeiro momento em que vivi o racismo de perto, momento em que me senti inferiorizada, discriminada por conta da minha cor. Momento em que o sentimento de luta e resistência passaram a fazer parte de mim. Foi nesse instante que percebi que não poderia aceitar e me calar diante das injustiças do mundo. Tais lembranças me aproximam da narrativa de Djamila Ribeiro quando ao fazer referência a sua vida escolar, a autora afirma que “a sensação de não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito”.³

Ainda sobre a minha trajetória escolar, no sexto ano do ensino fundamental II, com apenas 10 anos de idade, a partir da influência de uma brilhante professora, decidi que iria cursar História. Acreditei que havia nascido para isso. É óbvio que não tive o apoio dos meus familiares. Meu pai dizia que sendo professora eu nunca conseguiria ter como salário o equivalente a 10% dos gastos mensais que ele tinha comigo. Ao final do ensino médio, com o objetivo de conciliar o meu desejo e dos meus familiares, resolvi fazer um acordo com a minha família: cursar História na UFBA-Universidade Federal da Bahia (o meu grande sonho) e cursar Direito na UEFS-Universidade Estadual de Feira de Santana.

Foram anos muito difíceis, porém necessários para que eu tivesse certeza de que fiz a escolha certa e decidisse os caminhos que deveria trilhar. Fazia as disciplinas do curso de História pela manhã em Salvador, a tarde me dividia em viagem, estágio e trabalho, e a noite cursava as disciplinas de Direito em Feira de Santana. Tal experiência foi fundamental para que eu pudesse perceber que na nossa sociedade os privilegiados possuem classe social, sexo

³ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.15

e cor: dos quarenta estudantes de Direito da minha turma, apenas três eram pretos.

As minhas percepções encontram respaldo nos estudos de José Alcides Figueiredo Santos quando o autor afirma que:

(...) no Brasil existe uma disparidade racial de renda muito elevada, como pode ser constatado na distância racial da renda bruta. Da mesma forma, homens e mulheres não brancos sofrem de um elevadíssimo componente de desigualdade de acesso a contexto e recursos valiosos, que caracteriza a desigualdade de raça no Brasil. Esta opressão racial tão acentuada seria capaz de tolher, em certa medida, a variação que pode ser produzida por outros atributos, como gênero, no interior do grupo não branco, subordinado na dimensão racial.⁴

Conclui as duas graduações, entreguei meu diploma de bacharela em Direito a minha família e segui feliz os rumos da sala de aula, o lugar que sempre quis ocupar. Me tornei professora da rede pública e privada de Feira de Santana com a convicção de que a educação é o instrumento mais eficaz para a transformação da sociedade.

Ao vivenciar o cotidiano do ensino público, mais precisamente do Ensino Médio do Colégio Estadual Teotônio Vilela, que está situado em bairro de classe média, porém atende majoritariamente a comunidade periférica, na cidade de Feira de Santana, minha inquietação se tornou ainda maior. Como professora de História e Filosofia desde 2011, passei a perceber o quanto as desigualdades raciais e de gênero ainda estão presentes na mentalidade e nas experiências vivenciadas por meus alunos e minhas alunas.

A partir de relatos que escutei das próprias alunas e de observações realizadas por mim ao longo dos anos, pude constatar que muitas meninas se sentem inferiores pelo simples fato de serem mulheres. Elas acreditam não possuir os mesmos direitos que os homens na sociedade. Muitas vezes, quando se libertam de relações familiares autoritárias, marcadas por regras que definem lugares para homens e mulheres, tornam-se reféns de namorados, companheiros e maridos que seguem um modelo de família patriarcal, onde cabe ao homem deter a autoridade sobre a esposa e os filhos.

Enxergo esse modelo patriarcal como herança da tradição colonial brasileira que exigia da mulher uma posição de submissão, recato e docilidade. O patriarcado destinou a figura da mulher as tarefas domésticas, sendo sua função cuidar da casa, dos filhos e do marido. Tal posicionamento foi discutido por Kellen Jacobsen Follador⁵ que descreve a situação de

⁴ SANTOS, José Alcides Figueiredo. *A interação Estrutural entre a Desigualdade de Raça e de Gênero no Brasil*. RBCS. Vol 24, n ° 70, p. 51.

⁵ Follador, Kellen Jacobsen. "A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental." *Revista fato & versões* 1.2. 2009.

subalternidade imposta a mulher durante séculos da nossa história.

Acreditamos que poderes absolutos eram destinados ao homem, chefe e senhor da família na sociedade patriarcal brasileira, enquanto que às mulheres era destinada a obrigatoriedade da reclusão ao lar, com sua vida doméstica junto da criadagem escrava. No período colonial as mulheres não podiam frequentar escolas, ficando dessa forma excluídas do âmbito da educação formal, destinada apenas aos homens. Em contrapartida eram treinadas para uma vida reclusa, onde o casamento, a administração da casa, a criação dos filhos eram seus maiores deveres, além de ter que "tolerar as relações extramatrimoniais" dos maridos com as escravas.⁶

É importante ressaltar que o trecho de Follador reflete a realidade vivenciada em grande parte pelas mulheres brancas. As mulheres pretas eram submetidas a longas jornadas de trabalho, seja na lavoura ou nos centros urbanos ou até mesmo nas casas dos seus senhores, executando serviços tão pesados quanto os desempenhados pelos homens pretos. Conforme evidenciou Angela Davis, ao fazer uma análise sobre o sistema escravista estadunidense, a mulher preta era vista como uma propriedade muito lucrativa, uma unidade de trabalho em tempo integral e apenas ocasionalmente mãe, esposa e dona do lar, o que marca uma imensa diferença em relação as mulheres brancas:

A maioria das meninas e das mulheres, assim como a maioria dos meninos e dos homens, trabalhava pesado na lavoura do amanhecer ao pôr do sol. No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas, as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.⁷

Fica evidente que as mulheres pretas, enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como “sexo frágil” e viviam sim uma situação de subalternização, estando destinadas as mais sangrentas e violentas formas de opressão. Tal cenário reflete muito a visão que parte da sociedade na atualidade possui em relação as mulheres pretas.

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas,

⁶ Follador, Kellen Jacobsen. "A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental." *Revista fato & versões* 1.2 (2009), pág 8. Cabe destacar que as mulheres escravizadas ocupavam as ruas como vendedoras de legumes, frutas, mingaus, etc

⁴ DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo : Boitempo, 2016, p.19.

mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras.⁸

Prosseguindo com o meu relato, não posso deixar de mencionar o fato de que, muitas vezes, as mulheres ainda são aprisionadas por regras determinadas por igrejas ou crenças religiosas que reforçam as desigualdades de gênero. É recorrente observar alunas que deixam de estudar por conta das atribuições com trabalho, casa, marido e filhos, ou simplesmente por conta do ciúme de seus companheiros. Além disso, são obrigadas a viver de acordo com um padrão social que estabelece comportamentos, tamanho e formas do cabelo, modelos de roupas, dentre outros aspectos.

Sempre tive a certeza de que o ensino de História deveria ser utilizado para contrapor essa situação, atuando de forma libertadora, denunciando as injustiças e promovendo a tolerância e o respeito. Porém, a pergunta que não queria calar era: de que maneira o ensino de História pode contribuir com a construção de projetos educativos democráticos, antirracistas e emancipatórios na escola onde eu atuo? E mais, o que efetivamente posso fazer para contribuir com esta transformação?

Minhas reflexões e meus questionamentos fizeram ainda mais sentido após a leitura das importantes considerações realizadas por bell hooks ao defender que o ensino libertador exige coragem e precisa tocar os corações dos/das estudantes de forma significativa. O professor ou professora que ama ensinar (e eu amo), enxerga o seu/sua aluno/aluna com muito mais sensibilidade e atua indo muito mais além do que a prática de “passar conteúdos” prontos sem qualquer relação com as vidas dos/das estudantes. A descrição que bell hooks fez dos seus alunos e suas alunas e do seu papel enquanto professora na obra “Ensinando Comunidade – Uma Pedagogia da Esperança” me tocou profundamente. É como se eu estivesse diante da realidade do Teotônio Vilela dada a aproximação que identifiquei:

Meus alunos e alunas eram predominantemente estudantes não brancos de contexto pobre e de classe trabalhadora, a maioria deles pais e mães, e muitos deles exercendo o trabalho em tempo integral de pai ou mãe solo, além de terem um emprego e irem à escola. Isso exigia de mim vigilância constante para manter níveis de excelência em sala de aula...Era tremendamente difícil encarar a dor e as privações deles e lembrá-los de que escolheram estudar, portanto precisavam dar conta das demandas e responsabilidades exigidas. A função deles, eu dizia, era aprender como fazer um trabalho excelente enquanto lidavam com uma miríade de responsabilidades. E, se não pudesse se destacar, sua função seria dar o melhor de si e aceitar o resultado. Eu também tinha de aceitar o resultado. Assim como era emocionalmente difícil para meus alunos e alunas, era também para a amada professora deles.⁹

⁸ DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016, p.20

⁹ hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante,

Foi através das aulas, leituras e experiências proporcionadas pelo Mestrado Profissional em Ensino de História na UNEB, no Campus I, que reordenei minhas reflexões e venho trilhando caminhos para responder as perguntas que me inquietam. O amadurecimento intelectual, profissional e pessoal proporcionado pelo Profhistória ampliou o meu senso crítico e a minha capacidade de entender o meu papel enquanto professora de História.

A mulher preta nem sempre é vista como alvo de discriminações de gênero e discriminações de raça simultaneamente. Como evidencia Kimberlé Crenshaw¹⁰, deve existir um projeto de interseccionalidade que busque incluir questões raciais nos debates sobre gênero e questões de gênero nos debates sobre raça. Para a autora, as leis existentes acabam não prevendo que as vítimas do racismo podem ser mulheres e as vítimas da discriminação de gênero podem ser mulheres pretas, não surtindo efeito em casos de interseccionalidade de discriminações. As mulheres pretas são mais afetadas pela discriminação que as mulheres brancas e que os homens pretos. Elas sofrem as consequências de duas formas conjugadas de discriminação.

Ao analisar a realidade estadunidense, que possui algumas semelhanças com a brasileira, Crenshaw chegou a conclusão de que as mulheres pretas são as maiores vítimas de estupro e assédio sexual, do sistema carcerário e do desemprego. A percepção da interseccionalidade da discriminação de raça e gênero vem promovendo a integração dos diversos movimentos e contribuindo para a exigência da proteção e garantia de direitos as mulheres pretas por parte do poder público.

Cecília Sardenberg¹¹, apesar de não mencionar a importante questão racial, evidencia que o modelo patriarcal de educação destina as tarefas domésticas ao universo feminino. A autora defende que a divisão sexual do trabalho construída historicamente está ligada a uma relação de poder que estabelece o papel submisso e subalterno para a mulher dependente do chefe da família. Essa realidade retratada pela autora em 1992 ainda se faz presente na atualidade. Por mais que as mulheres ao longo dos séculos tenham denunciado as opressões vivenciadas e exigido ocupar os mesmos espaços que os homens ocupam, muito da mentalidade machista ainda se faz presente no cotidiano da sociedade brasileira nos dias atuais.

Diante de tais constatações e reflexões, resolvi trabalhar na tentativa de construção de

2021, p. 56.

¹⁰ CRENSHAW, Kimberle W. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

¹¹ SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *O gênero em questão: apontamentos*. Salvador: NEIM/UFBA, 1992.

uma História do bairro do Papagaio na cidade de Feira de Santana contada por mulheres pretas (bairro onde moro e também onde reside a maior parte dos alunos e das alunas da escola onde trabalho). Essa história foi construída a partir de entrevistas realizadas com mulheres pretas de destaque na comunidade, considerando suas experiências na localidade a fim de evidenciar o papel das mesmas enquanto sujeitos históricos e de aproximar a disciplina História do cotidiano dos e das estudantes.

A História contada por mulheres da comunidade foi escolhida como metodologia de trabalho por possibilitar aos alunos e as alunas a construção de uma reflexão sobre seus valores, suas práticas, relacionadas com as problemáticas históricas do seu grupo de convívio e da sua coletividade. De acordo com Barros, a chamada “História do Cotidiano” possibilitada pelo estudo da localidade dos educandos, serve como referência para a construção da identidade dos alunos e das alunas, assim como do grupo que pertencem.¹²

Buscando conhecer dissertações que utilizaram os mesmos marcadores escolhidos por mim, fiz um levantamento no banco de dissertações do Profhistória. Algumas dissertações do Mestrado Profissional em História tratam do Ensino de História e História Local como as produzidas por Cristiane Maria Barbiero¹³, Karla Andreza Vieira Vargas¹⁴, Bruno Ornelas da Cunha¹⁵, Denise Belitz Quaiatto¹⁶, Camila Abreu de Carvalho¹⁷ e Rita de Cássia Louback de Souza¹⁸. Outras tratam do Ensino de História e as questões de gênero como as produzidas por Paula Tatiane de Azevedo¹⁹, Elaine Prochnow Pires²⁰, Jucileide da Silva Almeida²¹ e Breno Bersot da Silva²². Verificamos também uma dissertação que relaciona as questões de

¹² BARROS, C. H. F. . Ensino de História, Memória e História Local. *Revista de História* da UEG, v. 3, p. 301-321, 2013.

¹³ BARBIERO, Cristiane Maria. *Ensino de história local para crianças: (re)construindo histórias de Paranhos*. Dissertação, UEMS, 2018.

¹⁴ VARGAS, Karla Andreza Vieira. *Vozes, Corpos e Saberes do Maciço: Memórias e histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis*. Dissertação, UDESC, 2016.

¹⁵ CUNHA, Bruno Ornelas da. *Jogo Urbano: História local no ensino de história*. Dissertação, UFF, 2016.

¹⁶ QUAIATTO, Denise Belitz. *Ensino de História local: uma história didática de Santa Maria e região*. Dissertação, UFSM, 2016.

¹⁷ CARVALHO, Camila Abreu De. *Quilombo de Maria Conga em Magé: Memória, Identidade e Ensino de História*. Dissertação, Unirio, 2016.

¹⁸ SOUZA, Rita de Cássia Louback de. *A história local e as suas abordagens nas salas de aula da rede municipal de educação de Nova Friburgo*. Dissertação, UFF, 2016.

¹⁹ AZEVEDO, Paula Tatiane de. *É para falar de gênero sim! Uma experiência de formação continuada para professoras/es de história*. Dissertação, UFRGS, 2016.

²⁰ PIRES, Elaine Prochnow. *Ideias históricas de jovens do ensino médio sobre representação das mulheres no ensino de História do Brasil: Estudo de caso*. Dissertação, UDESC, 2016.

²¹ ALMEIDA, Jucileide Da Silva. *Ensino de História das Mulheres: Experiência na Educação de Jovens e Adultos – EJA em Imperatriz – MA*. Dissertação, UFT, 2018.

²² SILVA, Breno Bersot Da. *Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil através de fotografias (séculos XX e XXI)*. Dissertação, UFF, 2016.

gênero ao Ensino de História, construída por Eline de Oliveira Santos²³ e destacamos a dissertação de Lidiane Souza de Oliveira²⁴ que trata das questões de gênero e raciais envolvendo docentes da educação pública de Ribeira do Pombal na Bahia. Porém, não encontramos nenhuma dissertação que tenha realizado a produção de uma história local, envolvendo as questões raciais e de gênero. Para uma melhor visualização dos trabalhos relacionados montamos um quadro com essas produções.

**DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DISSERTAÇÕES DO
PROFHISTÓRIA**

TÍTULO	AUTOR (A)	ANO
Ensino de história local para crianças: (re)construindo histórias de Paranhos.	Cristiane Maria Barbiero	2018
Vozes, Corpos e Saberes do Maciço: Memórias e histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis.	Karla Andrezza Vieira Vargas	2016
História local no ensino de história.	Bruno Ornelas da Cunha	2016
Ensino de História local: uma história didática de Santa Maria e região.	Denise Belitz Quaiatto	2016
Quilombo de Maria Conga em Magé: Memória, Identidade e Ensino de História.	Camila Abreu de Carvalho	2016
A história local e as suas abordagens nas salas de aula da rede municipal de educação de Nova Friburgo.	Rita de Cássia Louback de Souza	2016
É para falar de gênero sim! Uma experiência de formação continuada para professoras/es de História.	Paula Tatiane de Azevedo	2016
Ideias históricas de jovens do ensino médio sobre representação das mulheres no ensino de História do Brasil: Estudo de caso.	Elaine Prochnow Pires	2016
Ensino de história de mulheres: experiências na educação de jovens e adultos.	Jucileide da Silva Almeida	2018
Gênero e Raça na História do Brasil: reflexões sobre o saber e o fazer dos docentes de história nas escolas da rede estadual de Ribeira do Pombal– Ba	Lidiane Souza de Oliveira	2020

²³ SANTOS, Eline de Oliveira. *A mulher negra na EJA: Reflexões sobre ensino de história e consciência histórica*. UNEB, 2018.

²⁴ OLIVEIRA, Lidiane Souza De. *Gênero e Raça na História do Brasil: Reflexões sobre o saber e o fazer dos docentes de história nas escolas da rede estadual de Ribeira do Pombal – Ba*. Dissertação, ProfHistória-UNEB, 2020.

A mulher negra na EJA: reflexões sobre o ensino de história e consciência histórica.	Eline de Oliveira Santos	2018
--	--------------------------	------

Dentre as dissertações acima relacionadas, preciso destacar a minha identificação com o trabalho de Karla Andrezza Vieira²⁵ que ao fazer referência ao território do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis, evidenciou a situação de vulnerabilidade social da maior parte da população de origem africana. De forma muito semelhante ao que é proposto por esse trabalho, Vieira se utilizou da História da comunidade a partir das memórias de sujeitos vistos como subalternos com o objetivo de superar visões racialistas e colonizadoras muitas vezes presentes nos currículos escolares baseados em concepções eurocêntricas. Vieira elaborou um material didático a partir das histórias e memórias da população de origem africana do Maciço como projeto de intervenção didática a ser utilizado por professores, professoras e estudantes.

Outro trabalho de grande importância para minha pesquisa foi o de Paula Tatiana de Azevedo²⁶ que, apesar de ter como objeto os docentes da rede municipal da cidade de Canoas-RS, pensou no conceito de gênero a partir de estudos culturais e de estudos feministas, sofrendo grande influência da historiadora Joan Scott²⁷. Azevedo passou a propor formas de articular gênero e ensino de História com o objetivo de superar o modelo vigente de ensino baseado em uma visão tradicional, linear, etnocêntrica e masculina da História.

Ainda fazendo referência às dissertações analisadas por mim, não posso deixar de mencionar o trabalho que Elaine de Oliveira Santos²⁸ desenvolveu no Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro na cidade de Porto Seguro –BA em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foi de grande importância para minha escrita a perspectiva interseccional adotada pela autora dos marcadores sociais da exclusão para descrever o entendimento de como historicamente as múltiplas opressões vulnerabilizam as mulheres pretas. A fonte principal de pesquisa de Santos também foi a realização de entrevistas com mulheres pretas que serviu como base para a construção de sequências didáticas para a discussão das relações étnico-raciais e de gênero no ensino de história. A autora destaca que a aplicação das sequências didáticas contribuiu muito para a verificação de transformações

²⁵ VARGAS, Karla Andrezza Vieira. *Vozes, Corpos e Saberes do Maciço: Memórias e histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis*. Dissertação, UDESC, 2016.

²⁶ AZEVEDO, Paula Tatiane de. *É para falar de gênero sim! Uma experiência de formação continuada para professoras/es de história*. Dissertação, UFRGS, 2016.

²⁷ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, UFRGS, Porto Alegre, jul /dez 1995.

²⁸ SANTOS, Eline de Oliveira. *A mulher negra na EJA: Reflexões sobre ensino de história e consciência histórica*. UNEB, 2018.

significativas na percepção das/os discentes em relação à relevância da mulher preta na sociedade.

A partir dessas observações, a realização do presente trabalho é relevante por contribuir para a promoção de uma história da comunidade contada por mulheres pretas, tentando romper com as desigualdades de gênero na sociedade, principalmente no ambiente educacional em que atuo. Além disso, a proposta gira em torno de uma localidade periférica, somente lembrada nos jornais e noticiários pelos casos de violência e criminalidade. Comunidade habitada em sua maioria por pessoas muito pobres, que passam as mais diversas necessidades materiais e que possuem seus direitos negligenciados pelos poderes públicos em relação ao acesso à saúde, transporte, segurança e educação de qualidade.

Na proposta que desenvolvemos, o mais importante consiste na participação dos alunos e das alunas enquanto pesquisadores e sujeitos históricos. Não encontramos estudos historiográficos aprofundados sobre a localidade do Papagaio e seus moradores e suas moradoras. Acredito que as meninas e os meninos são as pioneiras e os pioneiros na construção da história do local onde vivem a partir dos relatos de suas mães, tias, avós, vizinhas. A história estudada não consiste apenas na história do bairro do Papagaio, mas também na história dos próprios educandos e educandas e suas famílias.

A intenção de construir uma História do bairro e em certa medida também a história das mulheres da comunidade está relacionada ao descaso com que os livros didáticos tratam as mulheres e o seu papel na História. De acordo com esse pensamento, Guacira Lopes Louro evidencia que livros didáticos e paradidáticos separam o mundo masculino do feminino, ignorando trocas, solidariedades e fronteiras.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades ‘características’ de homens e atividades de mulheres... A ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados.²⁹

As histórias do bairro contadas por mulheres, selecionadas pelos/as alunos/as, ou seja, as mulheres mais velhas do bairro que residem nesta localidade desde a sua fundação e que tanto representam para a vida dos próprios alunos e alunas, tem o objetivo de envolver a

²⁹ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. P.74.

comunidade escolar no combate à opressão e ao sexismo e contribuir com a luta das mulheres. Dessa forma, a temática foi desenvolvida a partir de análises, reflexões, discussões e participações interativas, disseminando a cultura do respeito e da defesa da liberdade.

Com a construção de uma História do bairro contada por mulheres pretas da localidade do Papagaio, pretendemos mostrar o protagonismo que essas mulheres exerceram e exercem em seu cotidiano não apenas no bairro em destaque, mas em vários momentos históricos. A pesquisa contribui para que os alunos e as alunas passem a analisar a História do Brasil e do mundo considerando o viés feminino, evidenciando a importância que as mulheres pretas possuíram e possuem na sociedade. A partir dessa reflexão, almejamos que as alunas se reconheçam enquanto agentes históricos e os alunos aprendam a respeitar as mulheres, colaborando para a valorização de suas namoradas, esposas, mães e professoras. Uma cultura de cidadania e respeito pode ser desenvolvida, contribuindo com o repensar as relações de gênero e raciais hierarquizadas.

Os/as estudantes participantes das entrevistas fazem parte do 3º ano do ensino médio vespertino. A seleção daquelas e daqueles que acompanharam a professora durante as entrevistas se deu a partir do interesse e da disponibilidade dos alunos e alunas que geralmente conciliam estudo e trabalho.

A dissertação construída com ajuda dos/as alunos/as é um material didático com relatos das entrevistadas e fotografias feitas pela professora. Tal material, que ficará disponível na escola, é de grande importância para construção e afirmação da identidade dos alunos e alunas, das moradoras entrevistadas e, conseqüentemente, de todo o bairro. O material poderá ser utilizado também de forma significativa nas aulas de História e de outras disciplinas com alunos e alunas pertencentes a outras turmas.

A linha de pesquisa na qual este projeto está vinculado é a linha 1, “Saberes históricos no espaço escolar”, pois trata-se da valorização do cotidiano dos e das estudantes, levando em consideração os conhecimentos que eles e elas já possuem em relação a comunidade onde vivem e os novos saberes adquiridos por meio desta pesquisa.

Finalizando esta introdução, é importante evidenciar que a dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo “Gênero, Raça e Ensino de História: Mulheres pretas como sujeitos históricos”; o segundo capítulo “O Bairro do Papagaio e o Colégio Estadual Teotônio Vilela: espaços de reflexão”; e o terceiro capítulo “A construção da História do Papagaio contada pelas mulheres pretas do bairro”.

CAPÍTULO 01

GÊNERO, RAÇA E ENSINO DE HISTÓRIA: MULHERES PRETAS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS

Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguimos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo.

Djamila Ribeiro, 2018.³⁰

Nesse primeiro capítulo desenvolvemos uma reflexão das ideias principais que fundamentam os marcadores desta pesquisa: Gênero, Raça e Ensino de História. Antes de nos debruçarmos sobre a história do bairro do Papagaio e suas moradoras pretas, precisamos entender como as questões que envolvem esses elementos vem sendo problematizadas pelos diversos/as autores/as e quais foram as trajetórias percorridas por essas discussões ao longo da história. Estudar e relacionar os marcadores dessa pesquisa são de fundamental importância para embasar teoricamente os mecanismos escolhidos para concretizar os objetivos deste trabalho.

1.1- Estudos sobre Gênero e a História das Mulheres

Como evidenciam Verena Stolke³¹, Joan Scott³² e Guacira Lopes Louro³³, ao longo da história da humanidade as mulheres quase sempre ocuparam lugares de subalternidade nos registros realizados pelos homens quando não foram simplesmente silenciadas. Existiram mulheres que lutaram e resistiram, mas raramente tiveram o seu papel evidenciado. Mulheres que trabalharam no campo e nos centros urbanos, que cuidaram de casa, filhos, maridos e agregados, que participaram ativamente dos movimentos sociais e das revoluções e que tanto contribuíram para o avanço da ciência, das artes, da literatura e da filosofia. Apesar de exercerem tantos papéis importantes, a história das mulheres no mundo e no Brasil é a história do silêncio, história escrita e dominada por uma elite masculina e branca que omitiu as grandes contribuições do gênero

³⁰ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.27.

³¹ STOLKE, Verena. *O Enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*. Revista Estudos Feministas. V.14 n.1, Florianópolis jan/abr. 2006.

³² SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, UFRGS, Porto Alegre, jul /dez 1995.

³³ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós- estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. P.74.

feminino.

Muitas mulheres lutaram para alterar este cenário de exclusão e importantes conquistas foram obtidas ao longo dos séculos. A história das lutas das mulheres e do feminismo remonta há mais de 200 anos, sendo marcada por diversos momentos e fatos históricos de grande relevância. O feminismo pode ser caracterizado como movimento social e político que defende, a partir da organização de mulheres, as pautas consideradas relevantes em um determinado momento histórico. Geralmente, considera-se como marco da historiografia feminista a luta das mulheres por igualdade de direitos e deveres durante a Revolução Francesa. Sendo o século XIX evidenciado pela origem do feminismo como movimento social organizado no mundo ocidental. Porém, foram as denominadas ondas feministas do final do século XIX e ao longo do século XX que marcaram o alcance da visibilidade feminina no ocidente através do movimento sufragista e da problematização do conceito de gênero no final da década de 1960. De acordo com Louro, “tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos”.³⁴

Cabe destacar que as “ondas” não são sinônimos de modismos ou que em outros momentos os movimentos pela defesa dos direitos das mulheres não tenham acontecido. Elas evidenciam momentos de maior destaque ou visibilidade dessas lutas por estarem associadas a acontecimentos ou demandas específicas. De acordo com Marcela Amorim Juncken³⁵, a utilização do termo “onda” não significa um rompimento entre os períodos. As lutas de destaque em períodos distintos estão conectadas e essa conexão contribuiu muito para os avanços do movimento. Importante manifestar ainda que esses marcadores se referem a experiência do ocidente e não dão conta de outras realidades.

Isto nos permite notar que ao utilizarmos a nomenclatura “ondas” não estamos estabelecendo um rompimento entre os períodos e sim desenvolvendo um movimento ao percurso do feminismo e suas pautas, de forma que as lutas estabelecidas em uma onda não são desassociadas da outra, uma não termina quando a outra tem seu período iniciado, mas há um encontro das lutas travadas no período anterior com lutas do outro período ocasionando transformações e avanços para o movimento feminista. As ondas são formadas por momentos marcados por uma grande mobilização feminista em torno de pautas específicas, dentro de um determinado contexto, e é assim que é caracterizada uma nova onda, que se propaga podendo atingir diversos países.³⁶

³⁴ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016, p.21

³⁵ JUNCKEN, Marcela Amorim. *A propaganda como reflexo social: um estudo das representações femininas na Revista Capricho a luz das quatro ondas do feminismo*. TCC, UNEB, 2023.

³⁶ Idem. Ibidem. p.15.

O feminismo de forma geral tem como objetivo uma sociedade sem hierarquia de gênero, ou seja, uma sociedade em que as diferenças de gênero não sejam utilizadas para legitimar violências e opressões. Tal concepção fez com que o movimento feminista surgisse no século XIX com reivindicações voltadas para o direito ao voto e a vida pública. Tal momento recebeu a identificação de “primeira onda”.

A primeira onda sofreu grande influência das transformações decorrentes da Era das Revoluções(1789-1848), termo utilizado pelo historiador Eric Hobsbawm³⁷ para fazer referência aos principais processos históricos desenvolvidos no período que deixaram um imenso legado para a atualidade.

Esse primeiro momento foi caracterizado por denunciar as desigualdades entre homens e mulheres e ter como pauta a exigência de melhores condições de trabalho assalariado, acesso a educação formal, direito matrimonial, campanha abolicionista e principalmente a questão sufragista.

A identificação da “segunda onda” do movimento feminista verificada na segunda metade do século XX, mais precisamente entre as décadas de 1960 e 1980, evidenciou a luta, primordialmente, pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual. No Brasil, teve destaque, a partir de 1970, a luta contra o Regime Militar.

De acordo com Juncken, após a Segunda Guerra Mundial, muitas mulheres conquistaram um nível de instrução que possibilitou a propagação de obras que apontavam os descontentamentos do período, a exemplo de *O Segundo Sexo* (1949)³⁸ da Simone de Beauvoir e *A Mística Feminina* (1963)³⁹ de Betty Friedan. Beauvoir e Friedan questionavam as noções tradicionais de família, sexualidade e condição feminina, tornando-se referências para o movimento feminista.

Ainda fazendo menção a segunda onda, é importante evidenciar que para Juncken a diversidade de grupos e de pautas dentro do movimento feminista possibilitou o florescimento dos “feminismos”, abrangendo as vertentes dentro da heterogeneidade do movimento, representando um grande avanço em várias esferas.

...essas novas reflexões que surgiram fizeram emergir os sujeitos do movimento, e, com isso, trouxe à tona a diversidade dele...

Surgiu, então, o termo “feminismos” para que se pudesse discutir as diferentes pautas em sua heterogeneidade, uma vez que grupos não se sentiam contemplados nos discursos, como mulheres negras e da classe

³⁷ Hobsbawm, Eric. A era das revoluções: 1789-1848. Editora Paz e Terra, 2015.

³⁸ DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.

³⁹ FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes

trabalhadora.⁴⁰

A “terceira onda”, que teve início a partir da década de 1980, sendo intensificada na década de 1990, discutiu o caráter até então universal e excludente do movimento feminista, defendendo que as mulheres são oprimidas de formas diferentes, fazendo-se necessário discutir gênero levando em consideração classe e raça. Os diversos “feminismos” surgidos na segunda onda desejavam maior visibilidade e representatividade. Fazia-se necessário desconstruir o rígido conceito da categoria “mulher”, apresentando o seu universo de variáveis que envolvem classe, raça e orientação sexual. Ao fazer a análise desse momento específico do movimento feminista, Djamila Ribeiro afirma que:

A universalização da categoria “mulheres” tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher de classe média- trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras ou pobres. Além disso, essa onda propõe a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria gênero de modo binário, ou seja, masculino/feminino.⁴¹

As feministas do período não reivindicavam apenas o reconhecimento da diversidade, mas a representatividade desse transversalismo em oposição ao universalismo predominante, com grande destaque para a questão da interseccionalidade. Para Juncken, as variadas vozes participantes do feminismo precisavam ser ouvidas e valorizadas. Quando falamos em “políticas transversais”, falamos da possibilidade de diálogo entre todas as possíveis condições enfrentadas por mulheres no mundo, levando em consideração não só raça/etnia, classe e sexualidade, mas também nacionalidade, idade e religião, por exemplo.

(...) as pautas identitárias e toda a diversidade que se apresentava sempre fizeram parte do movimento, porém as vozes das mulheres brancas e de classe média se sobressaíam na mídia frente às das feministas negras, proletárias, latinas, revolucionárias, lésbicas, dentre outras. Porém, neste período, estas pautas ganharam novos olhares, pois começaram a encontrar espaço para serem ouvidas na mídia e, no campo teórico, para se aprofundarem e serem reconhecidas. Trazemos como exemplo o feminismo negro que tem hoje grandes nomes como bell hooks, Angela Davis, e no Brasil, Lélia Gonzalez que tiveram suas vozes e lutas amplificadas nesta fase, com pautas que elas, como parte do movimento feminista negro, vinham buscando espaço para suas vozes há tempos. O debate de gênero, raça e classe trazido é essencial na construção de todo o feminismo.⁴²

⁴⁰ JUNCKEN, Marcela Amorim. *A propaganda como reflexo social: um estudo das representações femininas na Revista Capricho a luz das quatro ondas do feminismo*. TCC, UNEB, 2023, p.23

⁴¹ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.45.

⁴² JUNCKEN, Marcela Amorim. *A propaganda como reflexo social: um estudo das representações femininas na Revista Capricho a luz das quatro ondas do feminismo*. TCC, UNEB, 2023, p.27

Ribeiro também evidencia a grande influência que Simone de Beauvoir e sua obra “O segundo sexo” exerceram também sobre a terceira onda com a defesa de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”⁴³. A filósofa francesa afirmava que não é possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados.

A divisão sexo/gênero funcionaria como uma espécie de base que funda a política feminista partindo da ideia de que sexo é natural e o gênero é socialmente construído e imposto, assumindo assim um aspecto de opressão.⁴⁴

Miriam Pillar Grossi afirma que durante a evidência das lutas dos movimentos sociais e libertários da década de 1960 surgiu um grande questionamento sobre os papéis ocupados pelas mulheres que raramente exerciam a liderança e eram frequentemente esquecidas quando se tratava de falar em público para representar o grupo que pertenciam. As participantes dos movimentos eram quase sempre incumbidas das funções de secretárias, auxiliares ou ajudantes, realizando tarefas consideradas menos importantes como confeccionar faixas ou panfletar. Para a autora,

Os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária, e é justamente no bojo destes movimentos “libertários” que vamos identificar um momento chave para surgimento da problemática de gênero, quando as mulheres que deles participavam perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham nestes movimentos um papel secundário.⁴⁵

Uma parte das estudiosas do movimento feminista defende a existência de uma “quarta onda” do feminismo, caracterizada principalmente pelo uso maciço das redes sociais para organização, conscientização e propagação dos ideais feministas. Essa etapa, que tem como marco de início no Brasil o ano de 2013 a partir das “Jornadas de Junho” , aponta como pautas frequentes a denúncia da cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades, e a postura de recusa ao silenciamento.

Com a popularização da internet e sua ocupação por feministas, ocorreu a massificação do debate acerca das ideias do movimento, o que contribuiu para um

⁴³ DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.

⁴⁴ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.46.

⁴⁵ GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. Revista Antropologia em primeira mão, 1998, p.2

fortalecimento da identidade feminista. Isso porque tornou possível que mulheres de diferentes origens, classes sociais, raças/etnias e religiões pudessem conhecer e se reconhecer nas pautas defendidas. Porém, de acordo com Juncken, apesar da facilidade de comunicação proporcionada pela internet, não devemos esquecer que muitas mulheres estão excluídas desse feminismo digital por não terem acesso às redes sociais.

Assim, apesar de a internet proporcionalizar uma facilidade de comunicação, o debate em torno de a quem essa informação chega e sobre a real participação de uma ampla vertente de mulheres deve entrar em pauta. Considerando a citação de Costa(2018) há uma impossibilidade de horizontalização, e nisso podemos considerar o já dito por Aruzza, Bhattacharya e Fraser(2019) sobre não podermos desassociar o feminismo das outras formas de opressão, incluindo questões de raça e classe. Dessa forma, há uma necessidade de integração desse pensamento para podermos avaliar o movimento atual e realizar uma horizontalidade participativa.⁴⁶

Reconhecemos e evidenciamos a importância das colocações feitas por Juncken, porém destacamos que, mesmo que grandes parcelas da população não tenham acesso a internet, a propagação das ideias divulgadas nos meios digitais e as suas redes de influência se irradiam por toda a sociedade.

É importante ressaltar também que, apesar do silenciamento ainda presente no movimento, cabe destacar que a chamada quarta onda está diretamente associada a maior atenção dada a questão da interseccionalidade. Ainda que muitos coletivos feministas na internet não se reconheçam como interseccionais nem façam menção ao termo em seu título, a discussão sobre a intersecção entre a opressão de gênero e outras como a LGBTfobia, o racismo, o capacitismo e a gordofobia está muito presente em diversos grupos e páginas que se identificam com o feminismo, sendo uma característica fundamental do movimento. Essa ampliação e democratização das discussões através das redes sociais vem envolvendo um número cada vez maior de pessoas, principalmente jovens, a exemplo dos meus alunos e das minhas alunas, que frequentemente trazem para a sala de aula os temas propagados pela internet.

Além dos questionamentos sobre o papel exercido pelas mulheres nos movimentos sociais, também surgiram críticas no campo da historiografia. Somente na década de 1970, a História das Mulheres adquiriu alguma notoriedade ao criticar a História Geral que tinha no homem branco o seu parâmetro de referência. História inspirada por

⁴⁶ JUNCKEN, Marcela Amorim. *A propaganda como reflexo social: um estudo das representações femininas na Revista Capricho a luz das quatro ondas do feminismo*. TCC, UNEB, 2023, p.31

questionamentos feministas e por mudanças na historiografia foram estimuladas com o surgimento e ampliação dos programas de pós graduação. Como evidencia Carla Pinsky:

Vários historiadores, após denunciar a exclusão das mulheres nos trabalhos de História feitos até então, procuram torná-las visíveis na chamada História Geral. Essa preocupação foi especialmente marcante nos primeiros momentos de desenvolvimento da História das Mulheres. Para alguns críticos, entretanto, isso não foi suficiente por não afetar profundamente a historiografia tradicional, com seus recortes temáticos, periodizações, fontes e “fatos históricos” já bem delimitados.⁴⁷

A partir do momento descrito por Pinsky, ganharam destaque as biografias de mulheres e as evidências de participação feminina em acontecimentos históricos. Por mais que tais realizações representassem um grande avanço, ainda eram insuficientes para dar conta das experiências vivenciadas pelas mulheres. Se fazia necessário analisar criticamente o silenciamento sobre as mulheres ao longo da história e a prioridade dada a “história do homem” em oposição a “história da mulher”. A preocupação com a construção social das diferenças sexuais passou a ser uma das pautas prioritárias do movimento feminista daquele período.

Com o avanço dessas discussões, os estudos de Gênero passaram a fazer parte da História. O saber histórico passou a assumir a preocupação com a construção das diferenças sexuais. O modo de perceber e analisar as relações sociais e seus significados deixaram evidente que os espaços ocupados por homens e mulheres possuem conotação histórica. Sendo assim, os estudos passaram a analisar não apenas homens e mulheres, mas os significados atribuídos aos seus papéis na sociedade. Ainda de acordo com Pinsky,

Uma das formas, talvez a mais interessante, de adoção do termo é seu emprego como categoria de análise. Nesse sentido, uma das propostas da História preocupada com gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos.⁴⁸

Para Grossi, só a partir de 1980 conquistaram maior força os estudos sobre as mulheres. Porém, apesar dos avanços, tais estudos mantiveram de forma quase unânime a ideia de uma unidade biológica entre as mulheres, a concepção de que todas as mulheres, independentemente de suas particularidades, se reconhecem pela morfologia do sexo feminino.

⁴⁷ PINSKY, Carla Bassanezi. *Estudos de Gênero e História Social*. Rev. Estud. Fem. 17 (1) • Abr 2009 • <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100009>, pág 4

⁴⁸ Idem. Ibidem. p. 6

Grossi também traz em seu trabalho uma rica abordagem de como os estudos de gênero passaram a se desenvolver nos fins da década de 1980 e por toda a década de 1990. Fazendo menção ao trabalho de Joan Scott⁴⁹, defende que gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações que são historicamente definidas e que expressam um discurso de dominação. Outra questão importante são os papéis de gênero associados ao sexo biológico, fêmea ou macho em determinada cultura. Para a autora, esses papéis mudam de acordo com o contexto em que estão inseridos:

É claro que podemos (e devemos) modificar cotidianamente aquilo que é esperado dos indivíduos do sexo feminino, pois o gênero (ou seja, aquilo que é associado ao sexo biológico) é algo que está permanentemente em mudança, e todos os nossos atos ajudam a reconfigurar localmente as representações sociais de feminino e de masculino. Na verdade, em todas as sociedades do planeta, o gênero está sendo, todo o tempo, ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Por isso, diz-se que gênero é mutável.⁵⁰

Apesar de todas as constatações, recentemente, mais precisamente no final da década de 1990, o termo gênero e a sua utilização passou a ser questionado por pessoas que afirmam que assim como a concepção de gênero pode ser construída culturalmente, o mesmo poderia acontecer com o sentido biológico de sexo, em uma definição de que sexo e gênero possuíam o mesmo sentido. Diante dessas críticas, Scott defende que gênero continua sendo uma categoria útil de análise e que sua utilização deve estar relacionada a uma análise crítica sobre como os papéis atribuídos a mulheres e homens são construídos e modificados.

A “linguagem de gênero” não pode ser codificada em dicionários, nem seus sentidos podem ser facilmente presumidos ou traduzidos. Não se reduz a uma quantidade conhecida de masculino ou feminino, homem ou mulher. São justamente os sentidos específicos que precisam ser extraídos dos materiais que examinamos. Quando gênero é uma questão em aberto sobre como esses sentidos são estabelecidos, o que eles significam e em quais contextos, então continua sendo uma categoria de análise útil - porque é crítica.⁵¹

Apesar de todas as conquistas, se a historiografia ainda precisa de avanços no que diz respeito às análises das relações de gênero, no que diz respeito à educação e à sala de aula, a realidade é ainda mais complexa. Como observa Louro, existe uma dicotomia

⁴⁹ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, UFRGS, Porto Alegre, jul /dez 1995.

⁵⁰ GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. Revista antropologia em primeira mão, 1998, p.6

⁵¹ SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. *Gênero: Ainda é uma Categoria Útil de Análise?* Albuquerque: *Revista de História*, v. 13, n. 26, p. 185.

masculino-feminino que constitui uma oposição entre o polo dominante e o polo dominado. Essa divisão está presente na sociedade como um todo e, consequentemente, está enraizada nos ambientes educacionais. Mas, Louro também afirma que os grupos dominados estão buscando cada vez mais resistir a opressão e alterar os modelos de exercício de poder.

Louro destaca ainda que a escola, local que teoricamente deveria ser espaço de respeito às diferenças, constitui um local de diferenciação que por vezes está associado a opressão, separando adultos de crianças, católicos de protestantes, ricos de pobres, meninos de meninas, e, eu acrescento negros de brancos. Intervenções precisam ser feitas nos currículos a fim de preparar os alunos e as alunas para se tornarem cidadãos e cidadãs críticos/as, a não se conformarem com o sexismo, com o racismo e com todas as outras injustiças propagadas historicamente. Seguindo esse viés, Jurjo Torres Santomé afirma que:

(...) um projeto curricular emancipador, destinado aos membros de uma sociedade democrática e progressista, além de especificar os princípios de procedimento que permitem compreender e sugerir processos de ensino e aprendizagem de acordo com isso, também deve necessariamente propor certas metas educativas e aqueles blocos de conteúdos culturais que melhor contribuam para uma socialização crítica dos indivíduos.⁵²

Partindo da premissa de que os currículos precisam ser transformados a partir de uma perspectiva crítica e libertadora que leve em consideração as questões de gênero e raça, acreditamos que pesquisadores/as professores/as também devem passar por essa transformação a fim de desenvolver um processo de ensino- aprendizagem propagador da igualdade e da liberdade.

Apesar dos recentes avanços, Joana Maria Pedro afirma que a reflexão sobre a categoria gênero é pouco utilizada nos meios acadêmicos. Para ela, ainda são poucos os pesquisadores que se dedicam a essa temática. Diante desta constatação, podemos considerar ainda mais escassas as discussões promovidas nos ambientes escolares. Para a autora,

São poucas as historiadoras e os historiadores que, no Brasil, têm refletido sobre gênero como categoria de análise. O que mais se observa é o seu uso em títulos de livros e de artigos. Nos textos é comum que apareçam citações de autoras como Joan Scott e Judith Butler, sendo bem rara a prática da reflexão aprofundada sobre o assunto.⁵³

⁵² SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A construção da escola pública como instituição democrática: poder e participação da comunidade*. Currículo sem Fronteiras, v. 1, n. 1., 2001, pp.160.

⁵³ PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005, p.78.

Maria Eulina de Carvalho e Glória Rabay evidenciam que em pleno século XXI as discussões sobre gênero não foram transversalizadas nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação da área de educação. Muitos/as educadores/as não possuem conhecimento sobre o conceito de gênero, confundindo o mesmo com o conceito de sexo. Até mesmo as políticas públicas generalizam o uso do termo, dificultando a implementação de práticas que levem em consideração a equidade de gênero. Para as autoras,

Foi apenas na década de 1990 que as questões de gênero ganharam visibilidade na pesquisa e na política educacional brasileira, portanto, o discurso educacional e acadêmico ainda não incorporou, ampla e rigorosamente, o conceito de gênero originalmente veiculado pela teorização feminista: gênero como construção social e cultural, estrutura e relação de desigualdade, marcador de identidade dominante/dominada, subjetividade.⁵⁴

A categoria gênero deve ser trabalhada rejeitando o determinismo biológico. É necessário formar professores e professoras que consigam trabalhar com a temática através de um viés libertário com o objetivo de despertar o interesse dos alunos e das alunas, tornando os conteúdos mais próximos dos contextos vivenciados.

Tal realidade é facilmente percebida por mim enquanto professora de História da rede pública e privada. Os livros didáticos utilizados raramente mencionam as mulheres na abordagem dos seus conteúdos e a maior parte dos professores e das professoras pouco trabalham com os conteúdos temáticos envolvendo as questões de gênero. A mulher é frequentemente lembrada apenas nas comemorações do 8 de março e no dia das mães. Além da falta de interesse, associada ao sexismo, dos profissionais da educação, também é evidente a falta de interesse das instituições educacionais em tornar a temática de gênero ponto importante nos congressos, simpósios, encontros, jornadas e tantos outros momentos destinados a formação de professores e professoras da educação básica e fundamental.

Cabe destacar ainda que nos últimos anos o termo gênero sofreu ataques diversos e as lutas feministas foram desqualificadas por personagens da gestão pública que deveriam contribuir para a defesa dos direitos das mulheres. Foi um verdadeiro desserviço a sociedade como um todo, pois a violência praticada contra a mulher alcançou índices alarmantes. Discutir essas questões nas escolas hoje se configura em um verdadeiro

⁵⁴ RABAY, Glória ; CARVALHO, Maria Eulina de. *Usos e Incompreensões do Conceito de Gênero no Discurso Educacional no Brasil*. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 2015, p.3.

enfrentamento por conta da resistência de alguns pais religiosos e mais conservadores que promovem uma verdadeira vigilância dos temas e questões discutidas nas escolas onde os filhos estudam.

1.2-Gênero e Questões Raciais

Se o silêncio sobre as mulheres de modo geral é grande, em relação às mulheres pretas é muito maior. Djamila Ribeiro evidencia que a denúncia sobre a invisibilidade das mulheres pretas dentro da pauta de reivindicações do movimento feminista só passou a existir, nos Estados Unidos, na década de 1970. No Brasil, o feminismo negro passou a ganhar força nesta mesma década a partir das exigências de participação política das mulheres pretas.

Se pensarmos na história do feminismo em um sentido mais amplo, considerando também os momentos em que mulheres, individual ou coletivamente, protestaram contra as diversas formas de dominação patriarcal (seja em suas vertentes racistas, capitalistas e heteronormativas...) e reivindicaram para si condições de vida melhores, essa história e os fatos que a marcam são muito mais diversos. Foi apenas no início da década de 1990 que a crítica ao discurso universal excludente do movimento feminista ganhou mais força e passou a reivindicar a necessidade da discussão de gênero com o recorte de classe e raça.

Angela Davis evidencia o racismo e a exclusão das mulheres pretas na grande campanha sufragista encabeçada pelo movimento feminista nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX. Naquele momento e em muitas outras lutas, as necessidades específicas das mulheres de cor não eram reconhecidas pelo movimento feminista em alguma medida alinhado a supremacia branca.

Davis conta que mesmo com o fim da escravidão e da Guerra Civil, as mulheres pretas continuaram discriminadas, inferiorizadas e não consideradas dignas de assumir postos de liderança no movimento feminista. Suas necessidades não eram incluídas nas pautas de reivindicações do movimento e a exploração e violência vivenciadas pelas mulheres pretas eram quase sempre ignoradas. A autora afirma ainda que,

As mulheres negras estavam mais do que dispostas a colaborar com seus “claros poderes de observação e julgamento” para a criação de um movimento multirracial pelos direitos políticos das mulheres. Mas, a cada tentativa, elas eram traídas, menosprezadas e rejeitadas pelas líderes do branco como leite movimento sufragista feminino. Tanto para as

sufragistas quanto para os integrantes do movimento associativo, as mulheres negras eram seres meramente dispensáveis quando se tratava de conquistar o apoio das brancas do Sul...

Depois da aguardada vitória do sufrágio feminino, as mulheres negras do Sul foram violentamente impedidas de exercer seu direito recentemente adquirido. A erupção da violência da Ku Klux Klan em locais como Orange Country, na Flórida, causou ferimentos e mortes de mulheres e crianças negras.⁵⁵

Fica evidente em diversos momentos da fascinante obra de Davis que o movimento feminista nos Estados Unidos, durante muito tempo dedicou-se quase que exclusivamente aos interesses das mulheres brancas de classe média, vistas como figuras maternas, que reivindicavam inicialmente o direito ao voto e em sequência o direito a libertação das tarefas domésticas e os direitos reprodutivos. As mulheres pretas que desde a escravidão estavam associadas ao trabalho árduo das lavouras, vale ressaltar que esse trabalho era fisicamente equivalente aos dos homens, eram também vítimas do abuso sexual e dos mais diversos maus-tratos. O movimento feminista daquele período ainda guardava as marcas do racismo, sexismo e da ideologia patronal burguesa, e suas lideranças não enxergavam ou não desejavam enxergar essa realidade.

María Lugones inclusive afirma, colaborando com as ideias de Davis, que a história das mulheres não-brancas foi apagada, fazendo da luta feminista uma luta contra os papéis, posições e estereótipos que incomodavam as mulheres brancas. Elas não se ocuparam da opressão sofrida pelas mulheres pretas, ou seja, “conceberam a mulher como um ser corpóreo e evidentemente branco, mas sem especificar a qualificação racial”⁵⁶.

O feminismo negro surgiu com a insurgência de pessoas racializadas que passaram a manifestar sua insatisfação com o fato de não terem suas pautas levadas em consideração dentro do feminismo hegemônico. Para integrantes do movimento, as manifestações feministas realizadas em grande escala representavam os interesses de uma parcela de mulheres brancas e de classe média. O feminismo hegemonicamente branco igualou mulher branca e mulher. Assim, o feminismo negro foi visto como necessário para evidenciar as mulheres pretas que constantemente eram silenciadas. Afinal, elas acabavam sendo excluídas do movimento feminista hegemônico devido a sua raça, e do movimento negro devido ao gênero.

Diante dessas inquietações o termo “interseccionalidade” foi desenvolvido pela

⁵⁵ DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. 1ªed.-São Paulo: Boitempo, 2016 ,p.152 e 153.

⁵⁶ LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. *Tabula rasa*, n. 9, p. 73-102, 2008,p.18.

pesquisadora Kimberlé Crenshaw⁵⁷, em seu artigo datado de 1989 chamado “Desmarginalizando a Intersecção de Raça e Sexo: Uma Crítica Feminista Negra da Doutrina Antidiscriminação, Teoria Feminista e Política Antirracista”. Apesar do termo ter a sua origem no final da década de 1980, as discussões que giram em torno dele são anteriores as décadas de 1960/1970 a partir das obras de Patrícia Hill Collins, Sirma Bilge, Leslie McCall, bell hooks e Ângela Davis.

A proposta de Crenshaw foi mostrar que existe uma interseccionalidade quando se trata das discriminações enfrentadas por mulheres pretas. O conceito de interseccionalidade descreve a forma como um segmento pode sofrer mais de uma discriminação ao mesmo tempo. Mulheres pretas sofrem preconceito devido à raça e devido ao gênero. Esse preconceito está tão implícito e unido que é difícil separar o que é racismo e o que é misoginia. Isso porque diferentes opressões não são sentidas de forma separada, e sim como algo único. Desta forma, abordar pautas feministas, sem falar sobre as discriminações sofridas por mulheres racializadas, é silenciar essas pessoas e as questões que lhes são próprias. Esse é um dos motivos pelo quais se discute o feminismo negro com enfoque nas realidades específicas de mulheres pretas.

Em seu artigo “Colonialidade e Gênero”, María Lugones⁵⁸ investiga “a intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade na tentativa de entender a preocupante indiferença dos homens com relação às violências que sistematicamente as mulheres de cor sofrem”⁵⁹. A autora defende que o conceito de interseccionalidade demonstra a exclusão histórica e teórico-prática das mulheres de cor das lutas libertárias e está associada ao que ela denomina como “sistema moderno-colonial de gênero”. A colonialidade do poder que serviu de estrutura para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas definiu como “mulher” apenas as mulheres burguesas brancas heterossexuais, escondendo a brutalização, o abuso e a desumanização vivenciadas historicamente pelas mulheres de cor e de orientação sexual diversa.

O processo é binário, dicotômico e hierárquico. Kimberlé Crenshaw, eu e outras mulheres de cor feministas argumentamos que as categorias são entendidas como homogêneas e que elas selecionam um dominante, no seu grupo, como norma: dessa maneira, “mulher” seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, “homem” seleciona os machos burgueses brancos heterossexuais, “negro” seleciona os machos heterossexuais negros, e assim, sucessivamente. Então, é evidente que a

⁵⁷ CRENSHAW, Kimberle W. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

⁵⁸ LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *Tabula rasa*, n. 9, p. 73-102, 2008.

⁵⁹ Idem. *Ibidem*. p.1.

lógica de separação categorial distorce os seres e fenômenos sociais que existem na intersecção, como faz a violência contra as mulheres. Somente ao perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissolivelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor.⁶⁰

Após a análise da história das mulheres maias, na Guatemala, que antes da colonização não viviam relações binárias e hierarquizadas de gênero e raça, Lugones afirma que as noções de gênero e raça foram estabelecidas pelos colonizadores como ferramentas de dominação. A humanidade e as relações humanas passaram a ser reconhecidas através de uma classificação universal da população que inferiorizava e discriminava aqueles e aquelas que não estiveram inseridos nos critérios biológicos associados a supremacia branca e masculina.

A redução do gênero ao privado, ao controle do sexo, seus recursos e produtos, é uma questão ideológica, apresentada como biológica, e é parte da produção cognitiva da modernidade que conceitualizou a raça como “atribuída de gênero” e o gênero como racializado de maneiras particularmente diferenciadas para europeus brancos/as e para colonizados/as não brancos/as. A raça não é nem mais mítica, nem mais fictícia que o gênero - ambos são ficções poderosas...

Também é parte dessa história só as mulheres burguesas brancas serem contadas como mulheres no Ocidente. As fêmeas excluídas por e nessa condição não eram apenas subordinadas, elas também eram vistas e tratadas como animais, em um sentido mais profundo que o da identificação das mulheres brancas com a natureza, as crianças e os animais pequenos. As fêmeas não - brancas eram consideradas animais no sentido de seres “sem gênero”, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade. As fêmeas racializadas como seres inferiores foram transformadas de animais a diferentes versões de mulher - tantas quantas foram necessárias para os processos do capitalismo eurocêntrico global.⁶¹

Lugones ainda afirma que as representações dominantes de gênero e o racismo estão intimamente ligados. As normas de gênero são quase sempre pensadas a partir dos modelos e das experiências de homens e mulheres de origem europeia. Enquanto o homem branco é visto como “o protetor”, o negro representa brutalidade, agressividade, aquele que ameaça a integridade das mulheres brancas. Já a mulher preta é vista como aquela que não necessita de proteção, pois além de ser promíscua e libidinosa, é suficientemente forte para suportar qualquer tipo de trabalho e qualquer tipo de agressão.

A discriminação praticada com as mulheres brancas é sistematicamente diferente

⁶⁰ LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *Tabula rasa*, n. 9, p. 73-102, 2008, p. 7.

⁶¹ Idem. *Ibidem*. p. 17.

das vivenciadas pelas mulheres pretas, o que faz com que o movimento feminista precise estar aberto para uma variedade de pautas. Desta forma, é necessário entender as diferentes realidades de mulheres racializadas, ação incentivada pelo feminismo negro. Como evidencia Eline Santos⁶², gênero e raça evoluíram como campos separados de investigação nas ciências sociais e não deveria ter sido assim. Os estudos raciais privilegiam o homem não branco e os estudos de gênero privilegiam as mulheres brancas.

Esta modalidade de estudo de cada hierarquia separada, em isolamento uma da outra, tanto marginalizou em ambas as áreas o estudo da mulher não branca como incentivou o tratamento meramente aditivo dos atributos de gênero e raça. Não são poucas as pesquisas que, ao considerar gênero e raça como fatores independentes, focalizam um fator em detrimento do outro. Do ponto de vista teórico, omitir gênero ou raça implica assumir que a atribuição de recompensas é neutra em relação ao fator omitido. Em um modelo estatístico, isso representa um erro de especificação, pois se está suprimindo uma variável relevante, correlacionada com variáveis independentes no modelo, o que enviesará as estimativas dos efeitos das variáveis independentes correlacionadas.⁶³

Diante deste cenário, o ambiente escolar constitui um espaço onde essas discussões se fazem extremamente necessárias. Além de promover o debate sobre as questões de gênero, a escola, com o papel de produtora de conhecimento, é local privilegiado para se desenvolver o diálogo a respeito do preconceito racial. A disciplina de História é fundamental para enfrentar o debate sobre a questão do preconceito e a situação dos afrodescendentes no Brasil, trabalhando com a construção de um novo olhar sobre a história nacional, regional, local e ressaltando a contribuição dos africanos e afrodescendentes na construção da nação brasileira.

Além do exposto, a história presente nos currículos oficiais, marcada pela valorização de homens, brancos e ricos, os chamados “heróis” que em nada se relacionam com as experiências vivenciadas pelos alunos e alunas da maioria das escolas públicas brasileiras, só tende a colaborar para a propagação de uma cultura sexista e excludente. De acordo com Santomé :

(...) as culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.⁶⁴

⁶² SANTOS, Eline de Oliveira. *A mulher negra na EJA: Reflexões sobre ensino de história e consciência histórica*. UNEB, 2018.

⁶³ Idem. Ibidem. p.38.

⁶⁴ SANTOMÉ, Jurjo Torres. A construção da escola pública como instituição democrática: poder e participação da comunidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 1, p. 51-80, 2001, p.161.

Além do observado nos ambientes escolares, tal cenário de exclusão e silenciamento também pode ser evidenciado nos espaços acadêmicos a exemplo da história de Beatriz Nascimento contata por Alex Ratts em “Uma História feita por mãos negras”⁶⁵.

Beatriz Nascimento, preta e nordestina que estudou em escolas públicas, iniciou em 1968 o curso de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir da graduação intensificou a sua consciência sobre a sua cor preta e ingressou no ativismo político. Em meados da década de 1970, em seus primeiros escritos, passou a dedicar-se a construção de uma história preta, feita por uma pessoa preta, algo incomum na época. Em 1976, deu início a participação em vários grupos de estudos sobre a questão racial no Brasil, elegendo o tema da mulher preta e a trama entre raça, classe e sexo como de grande relevância.

Beatriz Nascimento recebeu vários convites para participar de debates sobre raça e feminismo, sendo homenageada, inclusive, em 1986, com o título de Mulher do Ano no Conselho Nacional da Mulher Brasileira. De acordo com Christen Smith, citada por Ratts, era provavelmente a única mulher preta no circuito dos estudos sobre escravidão em meados da década de 1980.

Apesar de toda a sua relevância como grande intelectual do movimento negro que promoveu uma profunda crítica ao colonialismo cultural e defendeu os processos de descolonização política, Beatriz Nascimento não recebeu o mérito merecido no meio acadêmico. Sua pesquisa e produção foram desqualificadas e deslegitimadas por não atender as exigências eleitas por uma comunidade acadêmica formada por homens, brancos, de elite e que se declaravam héteros.

Além do fato de ser mulher e preta, Beatriz Nascimento não foi aceita no meio acadêmico por não promover uma separação entre sujeito e objeto, ou seja, por utilizar as suas vivências e experiências como constitutivas de saberes sobre as mulheres pretas e outros grupos. Para Ratts,

Os espaços acadêmicos, a exemplo de outros espaços sociais, é marcado por quadros assimétricos. Esse processo é composto por vários mecanismos. Um deles é a recusa ou desqualificação do saber militante ante o saber acadêmico/intelectual. Outro é a deslegitimação da produção negra com exceção de alguns autores...⁶⁶

⁶⁵ RATTS, A., Xavier, A., Nascimento, B., Gomes, B., Evaristo, C., Smith, C., ... & Gato, L. (2015). Beatriz.

⁶⁶ RATTS, A., Xavier, A., Nascimento, B., Gomes, B., Evaristo, C., Smith, C., ... & Gato, L. (2015). Beatriz, p.15.

A pequena descrição sobre esse aspecto da vida de Beatriz Nascimento e a sua relevância enquanto mulher preta, evidencia como muitas mulheres pretas foram invisibilizadas em diversas esferas, mesmo com trajetórias atuantes e intelectualmente produtivas. Os diferentes enquadramentos nos meios intelectuais operaram na e para a exclusão.

Com as mulheres do Bairro do Papagaio não observamos uma situação diferente das vivenciadas por outras mulheres pretas em diferentes espaços do país. As suas vozes quase sempre são silenciadas e o seu papel como sujeitos históricos e construtores da sociedade são negligenciados. Veremos que as mulheres pretas do Papagaio foram fundamentais para a construção e desenvolvimento do bairro, porém a maior parte dos moradores não conhece esses fatos que envolvem a verdadeira história ou não valoriza os mesmos.

A mulher negra no Brasil, por ser mulher e negra, tende a estar em maior desvantagem, mesmo que não exista uma soma simples das duas desvantagens. Entretanto, ao se realizar a superposição de raça e gênero, como consequência torna-se difícil precisar a contribuição independente de cada componente responsável por esta grande desvantagem, das co-variáveis associadas a cada um, assim como dos fatores que permitem entender os efeitos conjuntos, o que pode ser especialmente problemático diante da existência de processos claramente divergentes entre as duas divisões sociais.⁶⁷

Felizmente, a história de Beatriz Nascimento vem sendo retomada e seu legado tem sido valorizado assim como o de outras mulheres pretas. Um exemplo disso é a obra de Ratts que difundiu as injustiças e discriminações sofridas por essa brilhante mulher preta que tanto contribuiu para propagação de um conhecimento libertador no meio acadêmico.

O silenciamento das importantes histórias que envolvem a população preta é fruto do racismo estrutural, ou seja, a discriminação racial enraizada na sociedade brasileira. O racismo estrutural pensado por Silvio Almeida está associado a herança discriminatória da escravidão (todas as relações com base na ideia de inferioridade do povo negro) em conjunto com a falta de medidas e ações que promovam o ingresso do negro na sociedade, como políticas de assistência social ou de inclusão racial no mercado de trabalho.⁶⁸

Em uma sociedade como a brasileira, na qual as suas instituições (normas e padrões que condicionam o comportamento dos indivíduos) foram criadas e consolidadas

⁶⁷ SANTOS, Eline de Oliveira. *A mulher negra na EJA: Reflexões sobre ensino de história e consciência histórica*. UNEB, 2018, p.41

⁶⁸ DE CARVALHO, Paulo Dourian Pereira. *O racismo estrutural no pensamento de Silvio Almeida*. Revista Cronos, v. 23, n. 1, p. 130-134, 2022.

a partir de uma visão racista de mundo, temos que a estrutura dessa sociedade possui o racismo como seu componente. Isso significa que o racismo estrutural é parte da própria ordem social e é reproduzido de forma consciente ou inconsciente em aspectos políticos, econômicos e sociais.

Ao analisar as estruturas da sociedade racista estadunidense em sua obra “Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança”, bell hooks também tem a percepção de que ideias e ações relacionadas ao pensamento supremacista branco fazem parte dos cotidiano da maior parte da população. Os padrões comportamentais racistas são inconscientemente incorporados como algo comum que faz parte da vida em sociedade. Por isso, para a autora, a conscientização é a primeira e grande estratégia para transformar a sociedade. Para ela,

O pressuposto de que a branquitude engloba o que é universal e, portanto, é para todo mundo, enquanto negritude é específica e, portanto, é “apenas para pessoas negras”, é pensamento supremacista branco. Ainda assim, muitas pessoas liberais, junto com seus companheiros mais conservadores, pensam dessa forma, não porque sejam pessoas “más” nem porque inconscientemente aprenderam a pensar dessa maneira. Esse tipo de pensamento, como muitos outros padrões de pensamento e ação que ajudam a disseminar e a manter a supremacia branca, pode facilmente ser desaprendido.⁶⁹

Paulo Dourian de Carvalho, ao analisar a obra “Racismo Estrutural” de Silvio Almeida afirma que o racismo em nossa sociedade é sempre estrutural, pois faz parte das bases que integram as principais estruturas organizacionais do Brasil. As nossas relações sociais e os seus significados não podem ser pensados de forma independente dos conceitos de raça e racismo. Assim ele pontua,

Almeida traz a concepção de racismo estrutural demonstrando que o racismo transcende o âmbito individual e traz o poder como constitutivo das relações raciais. Tal noção nos permite perceber que as demais formas de racismo nascem dessa estrutura, de modo que as instituições são racistas porque a sociedade é racista. O racismo é apresentado pelo autor como parte da ordem social, sendo reproduzido pelas instituições e nas práticas sociais... O racismo estrutural é concebido como um fenômeno eminentemente histórico e político, devendo ser combatido por todos e todas as pessoas.⁷⁰

Paulo Dourian de Carvalho ainda evidencia que para Almeida o racismo legitima

⁶⁹ HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021, p. 83.

⁷⁰ DE CARVALHO, Paulo Dourian Pereira. *O racismo estrutural no pensamento de Silvio Almeida*. Revista Cronos, v. 23, n. 1, p. 130-134, 2022, p. 131.

e sustenta o sistema capitalista, contribuindo para as situações de vulnerabilidade, pobreza e violência vivenciadas pelo povo preto no Brasil.

O autor estabelece relações entre a divisão de classes de grupos no interior das classes, o processo de individualização e os antagonismos sociais que caracterizam a sociabilidade capitalista tendo como mola propulsora o racismo, de modo que não seria possível compreender o capitalismo e as classes sem considerar as questões de raça, de gênero e os processos de exclusão e subalternização a que são empurradas as mulheres negras. Almeida argumenta que nunca será possível existir um mundo de respeito às diferenças enquanto pessoas continuarem morrendo de fome ou assassinadas pela cor de sua pele.⁷¹

Tal perspectiva pode ser materializada ao observarmos os resultados levantados pelo Mapa da Violência (2016) que traz dados assustadores em relação a juventude negra: morrem cerca de 30 mil jovens entre 15 e 29 anos por ano no Brasil, e deste total, 77% são pretos, constatando a morte de um jovem preto a cada 23 minutos no país.⁷²

Mesmo com a constatação de que o racismo está no cerne dos processos de exploração e opressão, sendo um elemento estrutural gerador, Almeida, ainda de acordo com a análise de Carvalho, defende que a compreensão do racismo pode gerar a busca por novas alternativas de existência a partir do ataque frontal às desigualdades estruturais, como raciais e de gênero.

Nilma Lino Gomes afirma que a promulgação de algumas legislações educacionais, em especial a lei 10.639/03 “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”⁷³, são fruto das reivindicações dos grupos historicamente dominados que contribuem para uma mudança cultural e política no campo do currículo.

Nesse sentido a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o falar sobre a questão afro-brasileira e africana.⁷⁴

Outra importante conquista associada a luta do povo preto é a promulgação das ações

⁷¹ DE CARVALHO, Paulo Dourian Pereira. *O racismo estrutural no pensamento de Silvio Almeida*. Revista Cronos, v. 23, n. 1, p. 130-134, 2022, p.133.

⁷² MAPA DA VIOLÊNCIA 2016. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/41/atlas-da-violencia-2016>, acesso em 04/02/2024.

⁷³ LEI nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm, acesso em 04/02/2024

⁷⁴ GOMES, Nilma Lino. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos in: Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012p.102.

afirmativas que podem ser definidas como políticas que visam beneficiar pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente. Assim, as ações afirmativas buscam aumentar a participação desses grupos no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, entre outros.

Um exemplo é a Lei nº 12.990, de 2014, também conhecida como Lei de Cotas. Ela determina que 20% das vagas oferecidas em concursos públicos da administração pública federal, das autarquias, fundações públicas, empresas públicas e sociedades de economia mista controladas pela União sejam destinadas a pessoas pretas.⁷⁵

A partir da reação dos grupos historicamente silenciados, as questões de gênero e racial devem ser trabalhadas enfatizando a construção social e histórica das características biológicas e levando em consideração o contexto no qual os alunos e as alunas estão inseridos. Flávia Eloisa Caimi⁷⁶ ressalta que boa parte da legislação já defende um ensino “inovador” que valorize as diferenças e tente por fim aos preconceitos, porém a escola tradicional não cumpre o estabelecido muitas vezes por não ter professores preparados para isso.

Sendo assim, a questão a enfrentar é que nossos currículos reproduzem muitas vezes uma exclusão em vários sentidos, como expõe Roberto Rafael Dias da Silva ao afirmar que “a política cultural que historicamente predominou nos textos curriculares é aquela na qual um indivíduo do sexo masculino, branco, anglo-saxão, letrado ocupa o topo da pirâmide na política cultural”.⁷⁷

Como afirma bell hooks, educadores e educadoras antirracistas tentam cultivar a descolonização do pensamento se utilizando de ferramentas que rompem com o modelo dominador, propagando o desejo de imaginar novas e diferentes formas de socialização.

Construir comunidade exige uma consciência vigilante do trabalho que precisamos fazer continuamente para enfraquecer toda socialização que nos leva a ter um comportamento que perpetua a dominação. Um *corpus* em teoria crítica hoje está disponível para explicar a dinâmica do racismo e do pensamento supremacista branco. Mas, apenas explicações não nos levam à prática da comunidade amorosa. Quando tomamos a teoria, as explicações, e as aplicamos concretamente à vida cotidiana, às experiências, ampliamos e aprofundamos a prática da transformação antirracista.⁷⁸

O processo de conscientização em relação a questão da supremacia branca e do racismo

⁷⁵ LEI Nº 12.990, DE 9 DE JUNHO DE 2014, https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112990.htm, acessado em 04/02/2024.

⁷⁶ CAIMI, Flávia Eloisa. *Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História*. Tempo, v.11, n.21, a. 03.indd 20, 2007, p. 17-32.

⁷⁷ SILVA, Roberto Rafael Dias da. *Currículo, poder e história em tempos de tormenta*. REVISTA FATO & VERSÕES. V. 2 / N. 4 – JUL. DEZ. 2010, p.43.

⁷⁸ HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021, p.78.

exige ensinar o que é o racismo e como ele se manifesta em nosso dia a dia. O reconhecimento da influência do pensamento supracista branco na construção da maior parte dos aspectos da nossa cultura e a desconstrução desse pensamento através da propagação de uma educação antirracista, pode sim contribuir intensamente para a construção de uma sociedade menos opressora.

Para romper esse domínio, precisamos de um ativismo antirracista contínuo. Precisamos gerar uma consciência cultural maior sobre a dinâmica do pensamento supracista branco no cotidiano. Precisamos aprender com as pessoas que sabem, porque elas têm vivido uma vida antirracista, o que todo mundo pode fazer para descolonizar a mente, para manter a consciência, mudar o comportamento e criar uma comunidade amorosa.⁷⁹

Professores e professoras que assumem o papel de contribuir diariamente para a construção de uma educação democrática vão muito além dos currículos estabelecidos, enxergando ensino e aprendizagem como algo constante que envolve e valoriza os saberes que estão fora do espaço da sala de aula e que valoriza sobretudo os/as estudantes e as suas diferenças.

1.3-Ensino de História e História Local

É de suma relevância mencionar o quanto foi importante para a realização desse trabalho, o diálogo com autores que tratam o Ensino de História como objeto de pesquisa e buscam analisar formas de melhorar o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas, e aqui destaco Flávia Eloisa Caimi⁸⁰, Marcos Antônio Silva⁸¹, Selva Guimarães Fonseca⁸² e Luis Fernando Cerri⁸³.

Faz-se necessário também a referência a autores que valorizam a memória para a compreensão da história das comunidades, a partir da observância e valorização da identidade histórica e social dos alunos e das alunas, e aqui também destaco Elisabeth Xavier de Assis⁸⁴, Vilma de Lurdes Barbosa⁸⁵, Manoel Caetano do Nascimento

⁷⁹ HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021, p.84.

⁸⁰ CAIMI, Flávia Eloisa. *Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História*. Tempo, v.11, n.21, a. 03.indd 20, 2007, p. 17-32.

⁸¹ SILVA, Marcos Antônio da and FONSECA, Selva Guimarães. *Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas*. Rev. Bras. Hist. [online]. 2010, vol.30, n.60, pp.13-33.

⁸² Idem. Ibidem. p.13-33.

⁸³ CERRI, Luis Fernando. A formação de professores de História no Brasil: antecedentes e panorama atual. *História, Histórias*. Brasília, v. 1, n. 2, 2013.

⁸⁴ ASSIS, Elisabete Xavier. *O ensino da história local e sua importância*. REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar do Núcleo das Licenciaturas, UNIVALI.

⁸⁵ BARBOSA, Vilma de Lurdes. *Ensino de História Local: redescobrimos sentidos*. Saeculum – Revista de História: João Pessoa, 2006.

Júnior⁸⁶, Geraldo Balduino Horn⁸⁷, Geyso Dongley Germinari⁸⁸ e Carlos Henrique Farias de Barros⁸⁹.

Os autores acima mencionados evidenciam que os currículos precisam ser descolonizados e as representações e práticas precisam ser repensadas. Os excluídos estão reagindo, lançando mão de estratégias coletivas e individuais e o ambiente escolar deve refletir e contribuir com essas reações.⁹⁰

Uma das formas de reação é evidenciar a história dos até então silenciados. O ensino de história praticado nas instituições escolares deve colocar em rotina projetos curriculares nos quais os/as estudantes sejam preparados e preparadas para realizarem uma reflexão crítica da realidade, agindo como cidadãos críticos e com consciência social.

A História do cotidiano construída através da relação com a História de uma comunidade como a do bairro do Papagaio tem se mostrado como estratégia de ensino de História que evidencia o papel das culturas negadas e silenciadas nos currículos, além de contribuir muito para o protagonismo dos/das estudantes que vivem na localidade estudada.

A História das localidades/comunidades, que tem se desenvolvido muito nos últimos tempos, vem contribuindo para a descolonização do ensino de história a partir do momento que rompe com as hierarquias espaciais construídas historicamente. A história de bairros, localidades e comunidades possui a mesma importância dos grandes eventos e dos grandes centros valorizados.

A história de um bairro, como o do Papagaio, viabiliza a utilização dos mais variados tipos de fontes históricas, desde os documentos oficiais até as memórias de pessoas da comunidade que viveram períodos anteriores e que através de suas lembranças ajudam a montar o quebra-cabeça da história do lugar, por meio da oralidade. Estratégias educativas menos pré-determinadas e generalizantes devem abrir espaços para uma

⁸⁶ JÚNIOR, Manoel Caetano do Nascimento. *História local e o ensino de história: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas*. VIII Encontro Estadual de História, ANPUH. Feira de Santana, 2016.

⁸⁷ GUIMARÃES, Selva. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas, SP: Papirus, 2012. HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. *O ensino de História e seu currículo: Teoria e Método*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

⁸⁸ GUIMARÃES, Selva. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas, SP: Papirus, 2012. HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. *O ensino de História e seu currículo: Teoria e Método*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

⁸⁹ BARROS, C. H. F. *Ensino de História, Memória e História Local*. Revista de História da UEG, v. 3, p. 301-321, 2013.

⁹⁰ GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos in: *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012, p.101.

educação múltipla que discuta e respeite as diferenças e esteja mais atenta às vozes e narrativas dos grupos até então excluídos.⁹¹

No que diz respeito a História Oral, evidencia-se uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos quase sempre silenciados na história oficial e inseri-los dentro dela. Essa metodologia tem a finalidade de, a partir da realização e gravação de entrevistas, registrar, dentre as variadas possibilidades, as experiências e relatos de sujeitos que testemunharam fatos históricos, movimentos sociais, culturais, trajetórias pessoais e institucionais. Verena Alberti atribui as fontes orais o papel de possibilitar o acesso a “histórias dentro da história” e evidencia a grande revolução vivida pelas fontes históricas a partir do desenvolvimento da História Oral.

Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico. Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos de trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade – temas que, quando investigados no tempo presente, podem ser abordados por meio de entrevistas de História oral.

Esse novo quadro resultou em mudanças importantes nos conteúdos dos arquivos e na concepção do que é uma fonte, e não por acaso coincidiu com as transformações das sociedades modernas. As mudanças tecnológicas ocorridas especialmente a partir do último quartel do século XX modificaram os hábitos de comunicação e de registro, alterando também o conteúdo dos arquivos históricos.⁹²

É importante também levar em consideração que o que foi comumente designada como história local possuía inicialmente o papel de analisar a história dos pequenos municípios e localidades, tendo teoricamente menor capacidade de alcance e interpretação. Com o passar do tempo, a investigação histórica de pequenas comunidades ou localidades, associada ao ensino de história, vem se mostrando disposta a realizar abordagens que aproximem as condições de vida de grupos sociais aos processos de ensino-aprendizagem construídos em sala de aula.

A denominada História Local não é menos importante e não deve ser tratada apenas como um conteúdo, mas sim como uma ferramenta pedagógica que analise as temáticas a partir da realidade dos e das estudantes. De acordo com Horn e Germinari, “o trabalho com a História local no ensino possibilita a construção de uma História mais

⁹¹ SILVA, Roberto Rafael Dias da. *Currículo, poder e história em tempos de tormenta*. REVISTA FATO & VERSÕES. V. 2 / N. 4 – JUL. DEZ. 2010.

⁹² ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História* in: PINSKY, Carla B.(org.). *Fontes históricas*, v. 2, p. 155-202, 2005, p.163 e 164.

plural, que não silencie a multiplicidade das realidades”.⁹³

A História Local é pouco trabalhada a depender da região e da cidade em que se trata. A história dos bairros, portanto, faz parte da história nacional e coletiva, não somente da história individual. A articulação entre as diferentes histórias de vida contadas por cada um dos moradores do bairro, pode contribuir para a construção de uma memória social dos/das alunos/as, da própria escola e do coletivo ao redor associado aos demais acontecimentos históricos, permitindo aos/as estudantes conectar o particular com o geral.

Para os/as aluno/as participantes de um projeto memorialista, encontrar-se como um indivíduo que é pertencente ao meio e ao mesmo tempo o meio lhe pertencer, ajuda na construção de sua própria história de vida e identidade, situando-o em um espaço-tempo no qual sua memória e história lhe pertencem.

A construção de uma História local crítica que valorize a experiência de vida dos alunos e das alunas, a sua família e as memórias coletivas do seu grupo ou comunidade, contribui decisivamente para que os indivíduos se enxerguem enquanto cidadãos e reconheçam as suas identidades.

Dessa forma, o ensino de história precisa ser significativo, analisando o contexto social em que os/as estudantes estão inseridos, contribuindo para a compreensão das relações sociais mais diversas. Através do diálogo percebe-se as reais necessidades de quem ocupa o espaço da sala de aula, problematizando temas que busquem transformar realidades insatisfatórias. Diante dessas premissas, faz-se necessário evidenciar as palavras de Priscila Carboneri Schio. Para ela,

(...) é válido pensar que o papel social do ensino de história vincula-se a uma busca por conscientização sobre os segmentos marginalizados da sociedade, bem como sobre os privilegiados, para que assim haja, quem sabe, a possibilidade de se construir um sentimento de empatia, com vistas a facilitar a existência de ações tanto do poder público, quanto dos indivíduos que promovam equidade e bem estar social.⁹⁴

Ainda ressaltando as contribuições de Schio, é fundamental trabalhar na sala de aula com fontes que evidenciem os diversos grupos sociais como sujeitos históricos, não somente aqueles que historicamente foram hegemonizados nas narrativas históricas. Da mesma forma que utilizamos os relatos da mulheres pretas do Bairro do Papagaio como fonte que contribui para a construção de pelo menos uma parte da história do bairro e

⁹³ GUIMARÃES, Selva. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas, SP: Papirus, 2012. HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. *O ensino de História e seu currículo: Teoria e Método*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p.32.

⁹⁴ SCHIO, Priscila Carboneri. *O ensino de história a serviço do combate às discriminações de raça e de gênero*. ProfHistória Unicamp, 2019. p.11.

dos/das estudantes, Schio utilizou poemas da escritora Luz Ribeiro para evidenciar as vivências, experiências e lutas das mulheres pretas no Brasil contemporâneo.

“Deus, eu ando cansada de ser forte,
eu ando cansada de correr,
eu ando querendo só andar.
Se isso aqui é selva,
Preta, Pobre Proletária,
sabe muito bem o que é ser o capim
na cadeia alimentar.
Cultivo ser poeta, ser atriz,
mas da escola de onde eu vim,
eu aprendi a competir.
Não para passar em testes globais,
mas para conseguir um registro na CLT”⁹⁵

No que diz respeito a realidade das mulheres pretas, cabe ao ensino de História desenvolver um pensamento crítico sobre o entrecruzamento de opressões, praticando o exercício da interseccionalidade. Em uma sociedade marcadamente machista, na qual o racismo é estrutural, passa a ser de suma relevância conhecer as trajetórias e os contextos vivenciados pelos/as estudantes, utilizando o ensino de História como mecanismo de compreensão, análise, crítica e tentativa de romper com as mais diversas formas de opressões.

Ao analisarmos os marcadores essenciais para a realização da nossa pesquisa, nos demos conta do quanto um ensino de história em processo de descolonização, preocupado com as questões de gênero e racial pode fazer a diferença nas vidas dos/das estudantes, pode ser essencial para contribuir com o fim do silenciamento daqueles e daquelas que historicamente foram vítimas de opressão, ou seja, pode ser efetivamente revolucionário. A partir das leituras e análises realizadas, pudemos perceber o quanto é urgente contribuir para que pretos, mulheres e demais categorias silenciadas sejam protagonistas da sua própria história.

⁹⁵ SCHIO, Priscila Carboneri. *O ensino de história a serviço do combate às discriminações de raça e de gênero*, p.4.

CAPÍTULO 02

BAIRRO DO PAPAGAIO E O COLÉGIO ESTADUAL TEOTÔNIO VILELA: ESPAÇOS DE REFLEXÃO

*Pessoas que lutam contra as desigualdades não se fazem de vítimas: são vítimas de um sistema perverso e, ao mesmo tempo, sujeitos de ação, porque o denunciam e lutam para mudá-lo.*⁹⁶

Djamila Ribeiro, 2018.

A partir da reflexão sobre os marcadores que provocaram as nossas inquietações e nortearam esta pesquisa, prosseguimos neste segundo capítulo analisando os nossos espaços de investigação, o bairro do Papagaio e o Colégio Estadual Teotônio Vilela, assim como os integrantes da nossa pesquisa, os/as estudantes do terceiro ano vespertino.

2.10 Bairro do Papagaio

Fazendo referência ao local onde a pesquisa foi desenvolvida, temos o bairro do Papagaio, bairro periférico da cidade de Feira de Santana, onde reside a pesquisadora e a maior parte dos/das estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela, com população estimada em 6.657 habitantes, composta por 49.89% de mulheres e 50.11% de homens.⁹⁷

Esta localidade é constantemente mencionada nos jornais e demais noticiários locais com destaque pelos casos de violência e criminalidade e pelos problemas sociais que a população local vivencia cotidianamente. De acordo com o *site* jornalístico local, “O Protagonista”, o bairro se destaca como o sexto mais violento da cidade de Feira de Santana.⁹⁸ Realizando buscas em outro *site* jornalístico, o “Acorda Cidade”, o Papagaio recebeu destaque seis vezes apenas no primeiro semestre de 2023 com notícias que evidenciavam casos de violência.⁹⁹ É importante ressaltar que o que é mostrado nos noticiários muitas vezes não corresponde ao que os moradores pensam sobre o bairro. Isto ficou evidente nas entrevistas que serão apresentadas mais à frente neste trabalho.

⁹⁶ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 36.

⁹⁷ BARROS, C. H. F. . *Ensino de História, Memória e História Local*. Revista de História da UEG, v. 3, p. 301-321, 2013.

⁹⁸ O PROTAGONISTA. BAIRRO MAIS VIOLENTO DE FEIRA DE SANTANA TEVE 42 ASSASSINATOS EM 2020. <https://oprotagonistafsa.com.br/noticia/bairro-mais-violento-de-feira-de-santana-teve-42-assassinatos-em-2020>. Acessado em 15/06/2023.

⁹⁹ ACORDA CIDADE. BUSCA POR PAPAGAIO. <https://www.acordacidade.com.br/?s=Papagaio>. Acessado em 22/06/2023.

Assim como acontece com esse trabalho, a utilização de jornais e revistas como fontes históricas vem se tornando cada vez mais frequente e a intenção de quem produz essas fontes precisa ser levada em consideração. Tania Regina de Luca¹⁰⁰ em seu artigo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, ressalta que deve-se sempre levar em conta a carga subjetiva dos periódicos, uma vez que se trata de um material não isento, não neutro e potencialmente tendencioso. A apropriação de jornais como fonte histórica requer crítica rigorosa, assim como é exigido por outros tipos de fontes.

(...)a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa(...) Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir.¹⁰¹

Ainda de acordo com Luca, uma gama variada de periódicos adentram cada vez mais os espaços públicos e privados influenciando as formas de viver e pensar. Por isso, é importante considerar o público alvo do periódico, as relações com o mercado publicitário e conhecer os possíveis interesses do(s) proprietário(s) para entender a rede de interações em que determinado jornal é produzido.

A imprensa local de Feira de Santana registra e evidencia os casos de violência existentes no Papagaio e em outros bairros periféricos contribuindo para a propagação da errônea concepção que associa a população de baixa renda ao crime. Os meios de comunicação muitas vezes contribuem de forma intensa com a manutenção do preconceito e a formação de estereótipos ao criminalizar e propagar uma imagem negativa dos bairros periféricos. A associação desses espaços a criminalização acontece quando os meios de comunicação fazem referência às favelas e às periferias urbanas como territórios homogêneos e dominados por "bandidos" e, de modo preconceituoso, associam a imagem

¹⁰⁰ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. (in): PINSKY, Carla Bassanezi. (org). Fontes Históricas. 2.ed.- São Paulo. Editora Contexto, 2008.

¹⁰¹ Idem. Ibidem. pp.139 e 140.

de seus moradores – principalmente os jovens pobres e pretos – ao crime. A grande mídia tem tido um papel fundamental na constituição, explícita, consciente e informada, desses estereótipos.

Tal constatação pode ser relacionada ao perigo da história única, questão abordada por Chimamanda Adichie¹⁰². A autora nigeriana relata que, ao morar nos Estados Unidos, se deparou com uma série de preconceitos e esteriótipos em relação ao continente africano. A África, que é considerada um país pela maior parte dos estadunidenses, geralmente é vista como “lugar de negativos, de diferença, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do poeta Rudyard Kipling¹⁰³, são ‘metade diabo, metade criança’¹⁰⁴.

Chimanda Adichie relaciona a história única ao poder, ou seja, a capacidade de contar uma história e torná-la definitiva. Aqueles que estão no poder criam estereótipos afim de manter os seus privilégios. Estereótipos mentirosos, incompletos, que por vezes roubam a dignidade das pessoas. Nunca há uma história única sobre uma pessoa, sobre um lugar. Para a autora, as histórias importam e elas quase sempre são muitas.

Todas estas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas, insistir apenas nestas histórias negativas é planar a minha experiência, e esquecer tantas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é eles serem mentira, mas eles serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.

(...) A consequência da história única é isto: rouba as pessoas da sua dignidade. Torna o reconhecimento da nossa humanidade partilhada difícil. Enfatiza o quanto somos diferentes em vez do quanto somos semelhantes.¹⁰⁵

É sempre favorável para os poderosos contar a história única dos bairros periféricos como violentos, perigosos, habitados por assassinos e ladrões dipostos a incomodar, perturbar e ameaçar os “indivíduos de bem”. Essa é uma das estratégias utilizadas para manter distantes aqueles e aquelas que podem abalar as estruturas de poder vigentes e também para não se promover as melhorias que beneficie a população local. Afinal, a partir deste olhar, a população dessas localidades não merece desfrutar dos benefícios públicos porque é composta por “marginais”. Não no sentido de estar vivendo à margem dos benefícios e direitos, mas no sentido de serem infratores. A impressão que se tem ao circular no bairro do Papagaio distoa completamente da história única criada e

¹⁰² Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana, reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras da literatura africana.

¹⁰³ Joseph Rudyard Kipling foi um poeta e escritor britânico que conquistou destaque ao escrever livros infantis.

¹⁰⁴ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras, 2019, p.2.

¹⁰⁵ Idem. Ibidem. p.4

divulgada pela mídia e que é aceita por parte da população da cidade de Feira de Santana.

Ainda explicitando a realidade do Papagaio, recentemente o bairro vem vivendo uma grande dicotomia que também está presente em muitas cidades brasileiras: a construção de grandes condomínios de classe média e elite rodeados por um cenário de pobreza e marginalidade social. Algumas melhorias estão sendo feitas pelo poder público nas proximidades do bairro justamente para atender os interesses da nova elite residente na região, como evidencia o site jornalístico “Acorda Cidade” em matéria de 03/09/2021:

O bairro Papagaio segue evoluindo e se tornando um dos mais desejados locais para se morar em Feira de Santana.

Com as obras de duplicação do viaduto Wilson da Costa Falcão, o prolongamento da Avenida Fraga Maia que liga a nova extensão com acesso à Avenida Rubens Francisco Dias, a região vem se firmando como uma das melhores escolhas para aqueles que buscam um lugar para viver com tranquilidade sem abrir mão da comodidade de ter acesso facilitado ao centro da cidade.

Caminhando junto ao progresso do bairro muitos condomínios já fazem arte da realidade do Papagaio, ajudando no desenvolvimento e trazendo mais modernidade para região.¹⁰⁶

Analisando a matéria do “Acorda Cidade”, conseguimos perceber que a utilização do termo “segue evoluindo” evidencia uma mudança na aparência da localidade que vem se livrando da população pobre e precisa estar preparada para receber as camadas sociais mais abastadas. Toda a infraestrutura criada nos arredores do Papagaio tem como objetivo atender aos interesses desse novo público residente nos condomínios fechados, alguns de luxo, que teoricamente estão trazendo o progresso para a região.

Podemos perceber que o Papagaio tornou-se um típico exemplo de segregação urbana, onde uma zona nobre de condomínios de alto padrão divide o espaço com áreas marginalizadas formadas por habitações precárias e muitas vezes irregulares. O Estado, que atua a serviço dos interesses capitalistas, simplesmente desconsidera a população pobre e suas necessidades, embelezando as ruas ocupadas pelos condomínios e negligenciando a falta de calçamento onde se localizam as moradias mais humildes.

O que vem acontecendo com o bairro do Papagaio está associado ao processo de Gentrificação. Tal conceito foi criado pela socióloga britânica Ruth Glass para descrever

¹⁰⁶ ACORDA CIDADE. REGIÃO DO PAPAGAIO TEM CRESCIMENTO NOTÁVEL. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/regiao-do-bairro-papagaio-tem-crecimento-notavel/>, acesso em 22/06/2023

as diversas mudanças ocorridas nos bairros operários de Londres¹⁰⁷. O termo relaciona-se as mudanças em paisagens urbanas populares que passam a atrair membros de rendas mais elevada. Essas mudanças reconfiguram o uso de alguns locais em função das escolhas e do consumo dos novos moradores de alta renda. Para Maurício Fernandes de Alcântara,

Os gentrificadores (gentrifiers) mudam-se gradualmente para tais locais, cativados por algumas de suas características- arquitetura das construções, diversidade dos modos de vida, infraestrutura, oferta de equipamentos culturais e históricos, localização central ou privilegiada, baixo custo em relação a outros bairros -, passando a demandar e consumir outros tipos de estabelecimentos e serviços inéditos. A concentração desses novos moradores tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes, comumente associados a populações com maior vulnerabilidade e menor possibilidade de mobilidade no território urbano, tais como classes operárias e comunidade de imigrantes. Estes, impossibilitados de acompanhar a alta dos custos, terminam por se transferir para outras áreas da cidade, o que resulta na redução da diversidade social do bairro.¹⁰⁸

Essa é, em grande parte, a realidade do bairro do Papagaio que passou a contar com a proximidade de uma avalanche de lojas, mercados, restaurantes, shoppings, entre outros estabelecimentos que oferecem produtos e serviços por valores que não condizem com a realidade da maioria dos moradores de periferia.

De acordo com Alcântara¹⁰⁹, os estudiosos do processo de gentrificação divergem quanto aos seus aspectos positivos e negativos. Alguns intelectuais denunciam a expulsão da população mais pobre e o aumento das desigualdades sociais, enquanto outros conseguem ver, de forma positiva, a atração de investimentos e as melhorias em regiões antes abandonadas.¹¹⁰ Assim, cada experiência precisa ser analisada detalhadamente. Certamente, a promoção de benfeitorias nas localidades é um aspecto positivo. O problema para a população mais carente é não conseguir se manter no local em virtude da elevação dos preços dos produtos nos estabelecimentos comerciais locais e em face da pressão de compradores movidos pela especulação imobiliária. Muitos desses moradores

¹⁰⁷ ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. *Gentrificação*. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao.p.1> Acessado em 24/03/2024

¹⁰⁸ Idem. Ibidem. p.1.

¹⁰⁹ Maurício Fernandes de Alcântara é mestre em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

¹¹⁰ ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao.p.4>. Acessado em 24/03/2024

acabam se deslocando para áreas mais distantes e ainda mais precárias na oferta dos serviços urbanos.

As recentes melhorias no bairro do Papagaio, que até 2018 não contava com ruas calçadas, também podem ser observada nos registros do próprio *site* da Prefeitura de Feira de Santana, em matéria datada de 06/03/2018:

A Secretaria de Desenvolvimento Urbano deu início, na manhã desta terça-feira, 6, as obras de pavimentação de 14 artérias, no bairro Papagaio. Com mais esta intervenção, a região passará a contar com 98% do seu território, compreendido de várias ruas e travessas, devidamente calçadas.¹¹¹

Fotografia 1: Maquinário utilizado para melhorias no Bairro do Papagaio



Fonte: *Site* da Prefeitura De Feira De Santana, 06/03/2018

Acompanha a matéria a fotografia com a exibição do maquinário utilizado para efetivação das melhorias. Aqui temos o uso da fotografia como prova do que foi noticiado. O maquinário ocupa o centro da fotografia evidenciando a importância daquele equipamento e daquela atividade nas ruas e artérias do bairro. Outra matéria mais recente, 08/04/2021, presente no mesmo *site* da Prefeitura de Feira de Santana evidencia uma série de melhorias realizadas na Avenida Rubens Francisco Dias, justamente a avenida que concentra os condomínios de luxo construídos recentemente no bairro:

As obras na região norte da cidade seguem a todo vapor. O complexo formado pelas avenidas Josias Ribeiro, Universitária, Rubens Francisco e Francisco Fagundes Filho, todas interligadas, fica localizado no bairro

¹¹¹ PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA. BAIRRO DO PAPAGAIO É CONTEMPLADO COM A PAVIMENTAÇÃO DE 14 RUAS. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Bairro%20do%20Papagaio%20E9%20contemplado%20com%20a%20pavimenta%20E7%E3%20de%2014%20ruas&id=11&link=secom/noticias.asp&idn=19004>,. Acessado em 22/06/2023

Papagaio.

As avenidas Josias Ribeiro e Universitária já estão em fase final. Nestas artérias, os serviços de pavimentação e iluminação foram concluídos, restando apenas a pintura da ciclovia e a arborização no canteiro, com plantio de grama.

A duplicação da av. Rubens Francisco, que faz ligação ao Parque Linear, a pavimentação está 90% concluída. Quem trafegar por esse trecho vai notar que os passeios, piso tátil e ciclovias também estão sendo implantados.¹¹²

Fotografia 2: Melhorias realizadas na Avenida Fraga Maia



Fonte: *site* da Prefeitura de Feira de Santana, 08/04/2021

E mais uma vez a fotografia é colocada como prova das realizações da Prefeitura. Fica evidente, a partir das fontes apresentadas, o quanto a prefeitura de Feira de Santana se empenhou em atender as exigências da especulação imobiliária e se preocupou também em deixar suas ações registradas, numa espécie de prestação de contas dos investimentos realizados. Diante dos fatos, cabem as seguintes perguntas: Por que as melhorias na região do Papagaio só passaram a ser implementadas a partir da chegada dos grandes condomínios? Os pobres, que sempre residiram no local, não precisavam de melhorias na infraestrutura urbana?

As indagações apresentadas estão relacionadas ao que Henri Lefebvre chama de *Cidade do Capital*, ou seja, o conjunto dos meios de produção concentrados em

¹¹² PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA. URBANIZAÇÃO DÁ NOVA CARA PARA O BAIRRO PAPAGAIO. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Urbaniza%E7%E3o%20d%E1%20nova%20cara%20para%20o%20bairro%20Papagaio%20&id=12&link=secom/noticias.asp&idn=26740>. Acessado em 22/06/2023.

determinado território que visa a reprodução do capital. De acordo com autor, segundo resenha sobre o livro feita por Jussara Romero Sanches, a estrutura da sociedade capitalista e a consolidação do consumo ocasionam uma mercantilização do espaço urbano que não leva em consideração os interesses do proletariado.¹¹³

Ainda de acordo com Sanches, em oposição a cidade do capital, Lefebvre propõe o *Direito à cidade* que significa o direito a vida urbana, transformada e renovada, espaço que oportuniza o uso pleno, respeitoso e completo para todas as pessoas.

O direito à cidade se concretiza em uma sociedade organizada em outras bases, que não a capitalista. É colocado pelo autor como forma superior dos direitos, que congrega em si o direito à liberdade, à individualização na socialização, o direito ao habitat, o direito a participar da construção da cidade, bem como o direito de apropriação do produto construído, que o autor afirma ser bem diferente do direito de propriedade.¹¹⁴

Para Livia Maschio Fioravanti, Lefebvre evidencia que as relações de produção capitalistas provocam a consolidação da *Sociedade Burocrática de Consumo Dirigido*, onde as relações de produção são reproduzidas e propagadas em todos os locais que compõem o espaço urbano. O espaço urbano passa a ser construído através das estratégias de manutenção do poder da classe dominante, sendo produto da segregação que impõe a privação da vida urbana para a maior parte da população. A classe operária, submetida a essa sociedade, muitas vezes é manipulada pela ideologia que oculta, através do consumo, o conflito entre propriedade privada e apropriação.

Ainda de acordo com Fioravanti, o direito à cidade defendido por Lefebvre funciona como um projeto orientador de outra sociedade, a chamada *Sociedade urbana*. A sociedade urbana seria a concretização do direito à cidade, o rompimento com as relações de produção norteadoras da exploração capitalista.

A discussão sobre o projeto do Direito à Cidade envolve as categorias de produção e de reprodução já que seria preciso, para a Sociedade Urbana, romper com a reprodução das relações de produção e construir um novo momento da produção do espaço e do próprio ser. Refletindo sobre os obstáculos à Sociedade Urbana postos no ponto crítico, Lefebvre problematiza a partir de quais mecanismos funciona uma sociedade que “pôs entre parênteses a capacidade criadora, que se baseia ela mesma na atividade devoradora (consumo, destruição, autodestruição), para a qual a coerência se torna uma obsessão, e o rigor, uma ideologia, e na qual o ato consumidor reduzido a um esquema que se repete

¹¹³ SANCHES, Jussara Romero. O direito à cidade. *Revista do Direito Público*, Londrina, v. 12, n. 1, p.318-321, abr. 2017. DOI: 10.5433/24122-107817-1X.2017v17n1p318. ISSN: 1980-511X,p.320.

¹¹⁴ Idem. Ibidem. p.321.

indefinidamente”.¹¹⁵

O direito a cidade constitui uma necessidade social no caminho para a concretização da sociedade urbana, ou seja, é o direito a vida urbana transformada com a participação de todos independentemente das diferenças, um rompimento com o processo de homogeneização. O projeto de sociedade urbana exige o fim das segregações e a transformação da propriedade em apropriação, se opondo as expropriações.

Tais reflexões permitem perceber que o que vem acontecendo com o bairro do Papagaio caminha em sentido oposto ao direito a cidade. O poder público visa favorecer um público específico, já historicamente favorecido, por conta das suas condições econômicas. Ao que parece, as reivindicações das parcelas pobres da sociedade não possuem importância. Enquanto as zonas ocupadas pelos condomínios brilham com ruas asfaltadas e iluminação de alta qualidade, muitas localidades que integram o bairro, próximas inclusive dos condomínios de luxo, continuam sofrendo com a falta de calçamento e saneamento básico, além da estrutura precária dos locais onde funcionam a escola e o posto de saúde da região. Faltam investimentos em saúde, educação e segurança. Mas cabe destacar que a elite residente no Papagaio não utiliza muitos desses serviços na localidade.

2.2- Colégio Estadual Teotônio Vilela-CETV

A pesquisa foi desenvolvida em um colégio pertencente à rede pública estadual, localizado na cidade de Feira de Santana, no estado da Bahia, o Colégio Estadual Teotônio Vilela, localizado na Rua O, s/n, Conjunto João Paulo II (conjunto residencial de classe média), Bairro Mangabeira, CEP 44034-470. O Colégio Estadual Teotônio Vilela, fundado em 1988, é uma escola de grande porte que atende majoritariamente ao público dos bairros periféricos da região e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com ensino fundamental, médio regular, médio integral, técnico e educação de jovens e adultos (EJA).

De acordo com o mencionado no seu Projeto Político Pedagógico, a escola funciona desde abril de 1988, com o nome de Escola Estadual de 1º Grau Teotônio Vilela. Foi criada para atender às solicitações dos próprios moradores da comunidade, que sentiam dificuldades em deslocar seus filhos para estudarem em escolas localizadas em

¹¹⁵ FIORAVANTI, Livia Maschio. Reflexões sobre o “direito à cidade” em Henri Lefebvre: obstáculos e superações. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, v. 2, n. 2, p.173-184, 2013, p.175.

outros bairros ou no centro da cidade. A partir do ano de 1995, a unidade escolar teve autorização para implantar o Ensino Médio, atendendo, a partir de então, não apenas aos alunos residentes no bairro Mangabeira, mas também alunos da Cidade Nova, Parque Ipê, Loteamento Modelo, Papagaio, Agrovila e Santa Rita. Na ocasião passou a denominar-se Escola Democrática Estadual Teotônio Vilela. Em 23 de janeiro de 2001 passou a chamar-se Colégio Estadual Teotônio Vilela, denominação que permanece até o presente.

Inicialmente, a escola contava com 15 salas de aula e poucas dependências. Atualmente possui 16 salas funcionando nos três (03) turnos. Além de biblioteca e salas para laboratórios de informática e de ciências, possui salas para vídeos, secretaria, cozinha, cantina, sala para professores, sala para leitura, rádio escolar (algumas dessas estruturas não estão em funcionamento devido a uma reforma) e uma quadra de esportes recém inaugurada que passou a ser o “xodó” da comunidade escolar. Apesar de todos os problemas estruturais, o espaço recebe seus quase 1700 (mil e setecentos) educandos, 60 (sessenta) professores e 03 (três) gestoras: uma geral e duas vices, além de um restrito quadro de funcionários terceirizados.

A escola, com mais de 30 anos de existência, vem atendendo ao público da região com turmas plurais e alunos de faixas etárias diferentes, que convivem no mesmo turno de ensino. Isso ocorre porque a escola oferece aulas para as séries do Ensino Fundamental e Médio, e não há uma separação por segmento; ou seja, todas as séries do Ensino Fundamental em um único turno e as do Ensino Médio em outro – essa logística não é possível, devido à procura da comunidade. Assim, ofertam-se os dois segmentos (Fundamental e Médio), nos turnos matutino e vespertino. Já no noturno, a oferta está concentrada na EJA (Educação de Jovens e Adultos), Ensino Médio e Ensino Técnico.

Mesmo com todas as mazelas vivenciadas pelos envolvidos no ensino público, a escola vem buscando desenvolver um papel significativo na formação dos discentes, conquistando um IDEB (indicador de qualidade) no ano de 2021 de 4,4.¹¹⁶ A unidade escolar carrega uma tradição de desenvolvimento de projetos educacionais com grande participação dos/das estudantes e de toda a comunidade escolar. Os alunos e as alunas que iniciam as séries iniciais do Fundamental II (6º ano) na instituição costumam permanecer nela até a conclusão do Ensino Médio. Possivelmente, essa realidade se deve em grande parte a qualidade do corpo docente e aos projetos que quase sempre envolvem a

¹¹⁶ O Ideb é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação).

comunidade.

Cabe destacar que muitos projetos visam a atração e permanência dos estudantes nas escolas públicas maiores. As verbas que as escolas recebem do poder público consideram o número de estudantes atendidos. Deste modo, muitas são as ações que buscam manter os estudantes. Nesta disputa por alunos, algumas escolas menores e com poucos recursos sofrem um processo de esvaziamento e acabam encerrando suas atividades com os professores remanejados para as escolas maiores.

Em uma análise rápida, a porcentagem de estudantes que pedem transferência da escola é menor que 20% a cada ano. O número de desistência ou abandono, frequentemente por questões familiares, financeiras ou relacionadas às exigências do trabalho, é bem maior que o de transferência. Sendo assim, é possível perceber a confiança que pais e estudantes depositam na escola ou o envolvimento dos estudantes com a mesma.

O Teotônio, como costumeiramente e carinhosamente é chamado, desenvolve projetos centrados na cultura da paz e da sustentabilidade, evidenciando uma preocupação do corpo docente em manter essas culturas em evidência, a fim de potencializar as discussões e propor formações mais significativas. Destacando a importância de educar por meio de projetos, a escola possui projetos institucionalizados, conduzidos pelos/as professores e professoras que quase sempre se comprometem com muita responsabilidade, a despeito das suas evidentes e variadas diferenças.

A escola também demonstra um grande empenho em divulgar os seus projetos e atividades, incumbindo dessa tarefa um grupo de professores e professoras que administram a página da instituição no *Instagram* e a seguir utilizaremos algumas fotografias expostas nessa plataforma.

Diante do cenário de municipalização das escolas da rede estadual e a construção de grandes centros educacionais, há uma evidente preocupação em manter o alunado atual e conquistar novos/novas estudantes e a propaganda possui efeito importante nesse processo. As plataformas contribuem para a divulgação dos benefícios das escolas e para manter uma ideia de coesão, pertencimento e grupo.

Fotografia 3: Equipe de funcionários do Colégio Estadual Teotônio Vilela



Fonte: página da escola no *Instagram*, 20/05/2023.

Fotografia 4: Quadra de esportes do Colégio Estadual Teotônio Vilela



Fonte: página da escola no *Instagram*, 08/03/2023.

2.3-Os estudantes do 3º ano do Ensino Médio Regular vespertino

Esta pesquisa teve como integrantes a professora pesquisadora e os/as alunos/as de uma turma do Ensino Médio, o 3º ano regular vespertino: turma composta aproximadamente por 35 alunos, matriculados na caderneta, mas com frequência de 29 alunos, sendo 15 mulheres e 14 homens.

Os/as estudantes são adolescentes e jovens, que em sua maioria foram meus alunos e minhas alunas no 2º ano do ensino médio, dessa forma construímos, ao longo dos dois anos de convivência, uma relação de proximidade e afeto.

A faixa etária dos/das estudantes vai de 18 a 22 anos. Oriundos, em grande parte, de bairros periféricos da cidade de Feira de Santana, são alunos e alunas de baixa renda,

inseridos em programas sociais. Apresentam-se em situações de vulnerabilidade socioeconômica e, muitos deles e delas, fazem parte do mercado informal de trabalho. A maioria trabalha pela manhã em estabelecimentos próximos as suas casas como supermercados, barbearias, bares, lanchonetes, salões de beleza e restaurantes, sendo constante o atraso nas primeiras aulas do turno vespertino.

A maior parte dos alunos e das alunas estuda no Teotônio Vilela desde o 6º ano do Ensino Fundamental e tem a escola como um segundo lar, um local de construção da sua história como indivíduo. Muitos dos familiares dos estudantes como irmãos/irmãs mais velhos/as, tios e tias, pai e mãe também estudaram na escola, fazendo do Teotônio um espaço de grande importância na construção de memórias familiares.

Muitos são de famílias com baixo grau de formação, e alguns são filhos de pais não alfabetizados. Essa realidade colabora para o baixo desempenho dos alunos em vários componentes. Muitos não consideram o estudo como algo importante e que venha de fato fazer diferença em suas vidas. A conclusão do ensino médio significa apenas um título, talvez uma porta de entrada para um emprego um pouco melhor. Realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ou qualquer tipo de avaliação externa, não faz parte dos planos da maioria. A falta de incentivo em casa, e a ausência de expectativas em relação aos estudos, dificultam muito o bom desempenho e o envolvimento escolar com os componentes curriculares.

Apesar de tantas dificuldades encontradas por esses meninos e essas meninas, a maior parte valoriza o espaço escolar e o papel do professor, construindo relações pautadas na harmonia e no respeito. Aderem com entusiasmo as atividades propostas e se utilizam da escola como um ambiente de socialização e troca de experiências.

E foram eles e elas que mais uma vez aderiram com entusiasmo e alegria a proposta desse trabalho. São eles e elas os/as grandes protagonistas, os/as grandes construtores e construtoras da nossa história. Meus “meninos e meninas”, como carinhosamente os/as chamo, fazem valer a pena a luta diária por uma educação pública e de qualidade, a luta por dias melhores e a luta por um mundo melhor. Meninos e meninas que reafirmam a minha crença de que a educação é o instrumento mais eficaz para a transformação da sociedade.

A fotografia a baixo significa o registro de um dia muito importante: o dia em que receberam a sonhada camisa do “terceirão”, camisa que a maioria pagou com imenso

sacrifício. A camisa que os identifica como estudantes diferenciados/as, aqueles e aquelas que estão concluindo o ensino médio. Apesar de não gostarem muito de fotografias, atenderam o meu pedido e posaram para a foto que guardo com muito carinho. Esse momento evidencia também a alegria que sentiam por estar na escola, a confiança que depositam na instituição e nos/nas professores e professoras.

Essa fotografia representa um pouco de como foi a maior parte dos nossos momentos juntos, momentos de alegria, descontração e aprendizagem. Mesmo com tantas dificuldades, conseguimos fazer um bom trabalho e estabelecer uma relação de amizade e parceria. Sempre tentei incentivar e colaborar para a construção dos percursos almejados, dos sonhos buscados e tive a oportunidade de aprender muito com eles e elas. No final do ano letivo, fui escolhida como professora homenageada da turma e pude expressar em palavras um pouco do meu carinho e gratidão no discurso proferido na cerimônia de conclusão do ensino médio organizada pela escola.

Fotografia 5: parte da turma do 3º ano regular vespertino



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

CAPÍTULO 03

A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BAIRRO DO PAPAGAIO CONTADA POR MULHERES PRETAS NELE RESIDENTES

Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele. Portanto, fingir-se de bom moço e não ouvir o que as mulheres negras estão dizendo para corroborar com o lugar que o racismo e o machismo criaram para a mulher negra é ser racista.
Djamila Ribeiro, 2018.¹¹⁷

O capítulo que se inicia é o que considero a síntese desta pesquisa, a “cereja do bolo”, aquele pelo qual tenho um afeto, um carinho especial. De tudo que pude vivenciar e aprender através do PROFHISTÓRIA, sem dúvida alguma a experiência de poder dialogar e respirar o ar da sabedoria das mulheres que foram entrevistadas para composição deste capítulo, é a mais gratificante. E o melhor de tudo é ter proporcionado aos meus alunos e minhas alunas, “aos meus meninos e as minhas meninas”, a oportunidade de vivenciar esses momentos repletos de aprendizagem.

Ao nos debruçarmos sobre as histórias das grandes protagonistas deste capítulo, as mulheres pretas moradoras do bairro do Papagaio e que tanto contribuíram para sua construção, vale a pena mencionar a matéria publicada no *site* “Viva Sustentável”, de 08/05/2016. De acordo com a matéria, muitas moradoras do Papagaio foram essenciais para a fundação do bairro na década de 1980 e exerceram papéis de liderança em muitas situações vivenciadas pelos moradores no período e até hoje. As mulheres viviam na localidade sem energia e água encanada, criando estratégias de sobrevivência para si e suas famílias.¹¹⁸

Diante dessas informações e a partir dos nossos objetivos, tivemos como proposta estudar a História do bairro e das mulheres pretas do Papagaio com a turma do terceiro ano regular do Ensino Médio, turno vespertino, buscando responder as seguintes indagações: Como a escola e o Ensino de História podem contribuir para combater as desigualdades de gênero e racial presentes na comunidade escolar? Como valorizar a história das mulheres no Ensino de História? Como fazer com que nossas alunas e nossos alunos enxerguem as mulheres da sua localidade enquanto sujeitos históricos?

Sendo que a principal questão a ser respondida foi: De que forma a história das

¹¹⁷ RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 39.

¹¹⁸ LIMA, Galba. Quem é a mãe do seu bairro? in: Revista Viva Sustentável. Disponível em: <http://vivasustentavel.eco.br/quem-e-a-mae-do-seu-bairro/>. Acessado em 08/03/2023.

mulheres pretas do Papagaio pode contribuir para evitar a perpetuação da invisibilidade das mulheres pretas como sujeito histórico, permitindo questionamentos e desconstruções de ideias sexistas, historicamente cristalizadas, estruturantes de relações hierarquizadas?

O racismo e o machismo/sexismo são realidades muito presentes no ambiente escolar como um todo e no Teotônio não é diferente. Tais estruturas opressoras são tão enraizadas no espaço escolar que muitas vezes os/as estudantes e também professores e professoras não percebem a sua prática e disseminação.

Algumas dissertações do Mestrado Profissional em História evidenciaram situações semelhantes às vivenciadas na escola onde trabalho. Tenho como exemplo a dissertação de Jucileide Almeida que, ao desenvolver um trabalho com Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública na cidade de Imperatriz/MA, também percebeu o quanto as desigualdades de gênero estão presentes nas famílias da sua comunidade escolar. A autora utilizou relatos de alunos e alunas para evidenciar a intensidade da discriminação fundamentada no sexo no cotidiano deles e delas. É importante ressaltar que alunos e alunas acreditam que a discriminação faz parte da ordem natural das coisas. Para a autora,

Um dos estereótipos mais consagrado é que as mulheres são naturalmente propensas a cuidar das crianças e da família. Esse estereótipo é tão reiteradamente repetido que tanto os outros, quanto as próprias mulheres se acham no direito de cobrar que o cuidado com a família seja o foco prioritário de suas vidas.¹¹⁹

Esta é uma compreensão generalizada e está na mentalidade de muitas pessoas que acreditam que o cuidado é responsabilidade exclusiva das mulheres.

3.1-Primeira etapa: roda de conversa, exibição de vídeo e fotos

Buscando provocar a discussão da questão evidenciada neste trabalho com minhas alunas e meus alunos, no dia 15 de maio de 2023, durante as duas aulas da disciplina História (também sou professora de Filosofia da turma) iniciei uma conversa com os/as estudantes do terceiro ano sobre o silenciamento das mulheres, em especial as pretas, nos espaços considerados importantes em nossa sociedade e na construção da História que estamos habituados a estudar em toda a nossa trajetória escolar.

¹¹⁹ ALMEIDA, Jucileide da Silva. *Ensino de História das Mulheres: Experiência na Educação de Jovens e Adultos – EJA em Imperatriz – MA*. Dissertação, UFT, 2018, p.41.

Algumas meninas relataram terem sido alvo de opressão e exclusão por serem mulheres pretas, enquanto outras evidenciaram não perceber tal realidade em suas situações cotidianas. A discussão foi muito rica e a maior parte dos meninos reconheceu que a sociedade é injusta e muitas vezes cruel com as mulheres pretas e que as mesmas devem ocupar espaços até então destinados aos homens negros, homens brancos e mulheres brancas.

Conversamos também sobre o local onde vivem. Indaguei se eles e elas possuíam informações sobre a história do bairro onde residem e todos e todas afirmaram que não. Prosseguindo, exibi o vídeo “O bairro Liberdade e história de Chaguinhas” que conta a história negra do bairro da Liberdade na cidade de São Paulo e a origem de seu nome. O vídeo faz referência a Francisco José das Chagas, mais conhecido como Chaguinhas, que foi um cabo negro do Primeiro Batalhão de Santos no período do Império português e o triste fim de sua trajetória resultou na criação do nome do bairro da Liberdade.¹²⁰

Depois de assistirmos o vídeo, afirmei o quanto seria importante conhecer a história da nossa cidade e do nosso bairro, ou seja, a nossa história. Dialoguei com eles e elas também sobre a importância de conhecer a história do nosso bairro a partir da visão daquelas que quase sempre são silenciadas: as mulheres pretas.

Dando continuidade, mostrei aos/as estudantes fotos antigas da cidade de Feira de Santana e realizamos comparações evidenciando as estruturas de locais tão importantes na atualidade para a nossa cidade. A maior parte dos/das estudantes não reconheceram os lugares apresentados nas fotografias e não tinham conhecimento sobre o significado dessas localidades no desenvolvimento econômico e social de Feira de Santana.

O propósito deste momento foi sensibilizar os alunos e as alunas para as atividades que seguiríamos mais a frente.

¹²⁰ O bairro Liberdade e história de Chaguinhas. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=dZMiZb7PYpY&ab_channel=Aerolitos. Acessado em 15/03/2023.

Fotografia 6: a última feira-livre realizada no centro da cidade de Feira de Santana



Fonte: Dilson Simas - Jornal Grande Bahia (Jgb) 10/01/1977¹²¹

Fotografia 7: Avenida Senhor dos Passos no início do século XX



Fonte: site do Programa De Pós Graduação Em História Da UEFS¹²²

As fotografias acima mostram espaços da cidade em períodos distintos. Na primeira, temos um registro da segunda metade da década de 1970 ocasião em que a feira livre ocupava a rua principal e adjacências. De acordo com o colunista Adilson Simas, a imagem retrata a última feira realizada no centro da cidade de Feira de Santana. Tal acontecimento se deu no dia 10 de janeiro de 1977, uma segunda feira. O colunista

¹²¹ SIMAS, Adilson. A última feira-livre realizada no centro da cidade de Feira de Santana. Jornal Grande Bahia. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2017/01/a-ultima-feira-livre-realizada-no-centro-da-cidade-de-feira-de-santana-por-adilson-simas/>, Acessado em 15/03/2023

¹²² PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UEFS. Disponível em : <http://www2.uefs.br/pgh/fotos.html>. Acessado em 03/03/2023

evidencia o sentimento de tristeza e de confiança na modernização que tomou parte de boa parte da população que se acostumou a frequentar semanalmente aquele espaço repleto de memórias e significados. A cidade estava se industrializando e os espaços precisavam de mudanças. Simas traz as palavras do jornalista, advogado, poeta e cordelista Franklin Machado publicadas no jornal *Feira Hoje* na sua edição nº 813:

Somente a natureza amanheceu chorando ontem. Na praça principal, a azáfama da feira-livre se repetia como em toda segunda-feira. Ninguém diria, se não soubesse, que aquela seria a última feira ali, depois de uns duzentos anos.

E ali a feira se despedia sem solenidade. Como um general que ganhou a guerra e se aposenta sem querer receber nenhum louro. Como um filósofo que sabe serem essas coisas efêmeras. O que vale é o registro histórico.

O tempo chorou, mas sabemos que amanhã é um novo dia. E o sol nascerá radioso, brilhante. Logo, a feira não se acabou. Apenas, muda de local. Um local que ainda está meio escondido pois lhe faltam as vias de acesso projetadas e a visão psicológica de quem chega na praça e não a vê.¹²³

A segunda imagem, mais antiga, do início do século XX, revela a avenida Senhor dos Passos, ainda sem calçamento, antes da expansão urbana na década de 1960. De acordo com Mariana Sousa de Andrade e Lysie dos Reis¹²⁴, a avenida, uma das mais importantes da cidade, foi aberta no final do século XIX para moradia dos aristocratas do gado, e tornou-se um dos mais belos espaços residenciais da cidade.¹²⁵ Com o processo de crescimento urbano e espacial, o comércio se tornou sua atividade principal e os canteiros centrais foram demolidos para que as vias fossem ampliadas. O resultado desse processo foi a formação de uma avenida com passeios reduzidos ocupados por ambulantes com seu comércio informal. O pedestre que em épocas anteriores circulava de maneira confortável, posteriormente perdeu seu espaço para o comércio e veículos.

3.2- Segunda etapa: proposta de estudo sobre a história do bairro do Papagaio a partir dos relatos de mulheres pretas

¹²³ SIMAS, Adilson. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2017/01/a-ultima-feira-livre-realizada-no-centro-da-cidade-de-feira-de-santana-por-adilson-simas/>. Acessado em 15/03/2023

¹²⁴ ANDRADE, Mariana Sousa de REIS, Lysie dos Reis. O estudo das avenidas como método de análise sobre o desenho urbano da cidade. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade-UNICAMP, novembro/2017, disponível em : https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?numeroPagina=1&artigo_id=89. Acessado em 03/03/2023

¹²⁵ ANDRADE, Mariana Sousa de REIS, Lysie dos Reis. O estudo das avenidas como método de análise sobre o desenho urbano da cidade. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade-UNICAMP, novembro/2017, disponível em : https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?numeroPagina=1&artigo_id=89. Acessado em 03/03/2023.

Após esse primeiro diálogo bastante enriquecedor, no dia 22/05/2023 propus um estudo sobre a história do bairro do Papagaio a partir dos relatos de mulheres pretas. Os/as estudantes abraçaram a proposta e se comprometeram em trazer os nomes de mulheres pretas que residem no Papagaio desde a sua fundação ou que chegaram no bairro pouco tempo depois e que contribuíram para a construção e desenvolvimento da localidade.

Dessa forma, em sala de aula, através de um trabalho conjunto, elaboramos as perguntas a serem feitas as entrevistadas:

PERGUNTAS SOBRE O BAIRRO DO PAPAGAIO E AS MULHERES NEGRAS QUE NELE VIVEM

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Desde quando vive no bairro do Papagaio.
- 4- Onde você nasceu? Como chegou aqui?
- 5- Você sabe a origem do nome Papagaio? Explique
- 6- Como era o bairro quando você chegou?
- 7- Quais as principais transformações vivenciadas pelo bairro desde a sua chegada?
- 8- Você acredita que as mulheres pretas contribuíram para o desenvolvimento do bairro?
Se sim, de que forma?
- 9- O poder público têm contribuído para a melhoria das condições de vida da população? De que forma?
- 10- O que o bairro do Papagaio representa para você?
- 11- Conte um pouco mais da sua história e sua relação com o bairro do Papagaio.

As perguntas foram elaboradas com o objetivo de servirem como base para que as entrevistadas se utilizassem das suas memórias para relatar suas emoções e experiências.

Alguns dias após a elaboração do roteiro de perguntas, o estudante Pedro Lucas Aquino trouxe o nome da nossa primeira entrevistada, Dona Vanda. Pedro conseguiu o nome e o contato de Dona Vanda a partir de conversas com seus amigos ligados a Associação de Moradores do Papagaio. O nome de Dona Vanda também foi mencionado por outros/outras estudantes que se referiram a ela como a “mãe do bairro”. Essas

informações foram colhidas entre os parentes e vizinhos mais próximos.

3.3-Terceira etapa: entrevista com Dona Vanda(a “mãe do bairro”)

Fiz o contato com o filho de Dona Vanda, Nerivam, e, após muitos desencontros e tentativas frustradas, em pleno recesso escolar, conseguimos conversar no dia 29 de junho de 2023 com a chamada “mãe do bairro do Papagaio”. Dona Vanda nos recebeu (a professora e mais cinco estudantes) gentilmente em sua casa acompanhada do seu filho.

Infelizmente, apenas cinco estudantes puderam se fazer presentes no encontro com Dona Vanda. A maior parte dos alunos e das alunas não conseguiram liberação em seus locais de trabalho. Dessa forma, os/as estudantes disponíveis passaram a atuar como representantes da turma responsáveis por realizar a ponte entre o terceiro ano e as histórias contadas pela “mãe do bairro”.

Ivone da Silva Gonçalves, mais conhecida como Dona Vanda, tem 70 anos de idade e foi a primeira moradora do bairro do Papagaio. Dona Vanda nos contou que chegou a região em 1980 não encontrando rede de esgoto e energia elétrica. O que hoje é o bairro, segundo ela, “era só mato”, as casas não tinham muro e os furtos eram constantes. Ela informou que a única construção “significativa” da região era um casarão de acolhimento de vaqueiros que já foi encontrado vazio por ela.¹²⁶

Mãe de quatro filhos, Dona Vanda morava na casa dos seus sogros no bairro Estação Nova e trabalhava como doméstica. Com a ajuda da sua “patroa” conseguiu realizar o sonho de adquirir um terreno na localidade do Papagaio e passou a atuar de forma significativa em prol de alcançar melhorias para o bairro e seus moradores que começavam a chegar.

A origem do nome Papagaio deriva da existência de uma chácara denominada Chácara Periquito por ser repleta dessas aves. O Papagaio teve início quando o Loteamento Jardim Ana Paula, da imobiliária Quinta do Sol, foi fundado. De acordo com Dona Vanda, muitas das áreas do bairro foram conquistadas através de disputas violentas.

Para vir da Mangabeira, Dona Vanda conta que pegava ônibus no ponto do Colégio Otávio Mansur, soltava na praça da Mangabeira, na empresa Autosel, e caminhava pelos matos no Alvarenga.

¹²⁶ Entrevista fornecida por D. Ivone da Silva Gonçalves, mais conhecida como Dona Vanda à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 29/06/2023.

Dona Vanda relatou que pegava água em uma chácara do Sr. Patrício na Avenida Anchieta, atualmente Avenida Airton Sena. Levava tonéis, enchia e transportava em carros de mão. Posteriormente, a prefeitura fez uma fonte, porém, para conseguir água tinha que enfrentar uma enorme fila. Sendo assim, decidiu então cavar uma cisterna no seu terreno. A água da embasa chegou mais tarde e a energia apenas em 1987.

A memória de Dona Vanda deixou a mim e os/as estudantes perplexos/as e admirados/as com tantas informações, pois evidenciava profunda riqueza de detalhes. Ela nos contou que em 1988, juntamente com mais 30(trinta) pessoas e a ajuda do Movimento de Organização Comunitária (MOC), foi criada a Associação Comunitária de Moradores Novo Lar, inicialmente dirigida por Dona Vanda, e que hoje tem como coordenador o seu filho, Nerivam. A associação foi criada para exigir do poder público melhorias para o bairro, sendo conveniada com as Secretarias de Desenvolvimento Social e de Esporte, Cultura e Lazer, realizando durante um período, com verbas do poder público, obras sociais como distribuição de cestas básicas, colchões, filtros de água e cobertores para as famílias carentes do bairro.

Muitas foram as conquistas, porém, em vários momentos o poder público deixou a desejar no que diz respeito às necessidades do bairro, principalmente nas regiões mais distantes dos novos condomínios. De acordo com Dona Vanda, durante essas quase quatro décadas de história, muitos foram os embates travados entre os moradores do bairro com prefeitos e secretários.

De acordo com Dona Vanda, a maior parte das casas do bairro foram construídas a partir da doação de 609 lotes realizada na administração do prefeito Colbert Martins (pai), através do Planolar (Programa de Habitação). Fazia parte do programa a concessão de materiais de construção aos moradores que foram utilizados de forma comunitária. Em 2016, os moradores receberam a escritura definitiva das propriedades.¹²⁷

Ao ser perguntada sobre as mudanças vivenciadas no bairro desde a sua fundação, Dona Vanda destacou o grande desenvolvimento do comércio que hoje atende a todas as necessidades básicas do bairro e de outras localidades próximas, o processo de calçamento das ruas que aconteceu de forma lenta e gradual, e a construção de muitos condomínios.

Dona Vanda também evidenciou a existência de uma Igreja Católica, vinte oito

¹²⁷Entrevista fornecida por D. Ivone da Silva Gonçalves, mais conhecida como DonaVanda à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 29/06/2023.

Igrejas Evangélicas, um Centro Espírita e um Terreiro de Candomblé. No Centro Espírita há um centro de preservação ambiental com espécies de plantas provenientes de várias regiões e uma nascente chamada de “Riacho da Prinha” que alimenta o Rio Pojuca.

Dona Vanda fez referência a alguns momentos considerados decisivos para a história do bairro. E assim ela os relacionou:

1-Fundação do primeiro Posto de Saúde do bairro em 2003;

2-Criação em 1990 do Grupo de Jovens que passaria a fazer parte de atividades culturais como quadrilha junina, concurso da Rainha do Milho, grupo de afoxé, confraternizações e lavagem do bairro;

3-Em 2007, a chegada da primeira empresa do bairro, o Supermercado J. Araújo. Em seguida, a fábrica de vassouras, administrada pela associação de moradores, inaugurada em 17/04/2007;

4-A primeira escola do bairro foi o Núcleo Colegial Sérgio de Carvalho, que funcionava na casa da Professora Everalda, na Rua Rubens Francisco Dias;

5- No dia 27/08/1989, a Associação Novo Lar firmou um convênio com a Fundação Educar, iniciando os trabalhos de uma escolinha em um barracão de palha existente na frente da casa de Dona Vanda. Com o fim do convênio, a Associação solicitou da Prefeitura Municipal a construção de uma creche que posteriormente transformou-se na pré-escola Municipal Professora Dalva Suzart, que ainda funciona no bairro e atende 320 crianças;

6- Em 1990, foi criado o time de futebol Internacional Esporte Clube Novo Lar, que usava como campo a área onde se situa atualmente os Condomínios Ilha de Capri e Ilha Bela. No ano 2000, a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer passou a realizar os jogos da cidadania e o time foi convidado a participar, tendo recebido em 2009 o título de 3º colocado e em 2014 o de vice-campeão. O campo de futebol que hoje existe ao lado do Condomínio Viva Mais Papagaio foi fruto de décadas de reivindicações perante as autoridades.

7- Por conta da falta de segurança pública efetiva foi fundada, em 2006, a Segurança Comunitária do Bairro do Papagaio.¹²⁸

¹²⁸ Entrevista fornecida por D. Ivone da Silva Gonçalves, mais conhecida como DonaVanda à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 29/06/2023. Vale ressaltar que as informações fornecidas foram enriquecidas com detalhes minuciosos dos acontecimentos e apresentação de fotografias.

Aproveitamos a informação que nos foi dada sobre a segurança comunitária e perguntamos a Dona Vanda qual a sua opinião sobre a imagem que o Papagaio possui de bairro perigoso. A entrevistada afirmou que tal imagem não corresponde a realidade, que o Papagaio é um local tranquilo, onde as pessoas vivem em harmonia.

Após tantas informações de grande relevância, Dona Vanda afirmou estar cansada após quase quatro décadas de lutas e um tanto quanto triste pela falta de interesse dos jovens em dar continuidade ao processo que alcançou tantas conquistas importantes para a comunidade.

Finalizando a nossa enriquecedora conversa, perguntei a Dona Vanda qual o significado do bairro do Papagaio para a sua vida e obtive a seguinte resposta: “Para mim, o Papagaio significa luz”. A entrevistada justificou a sua resposta destacando que o Papagaio representou o seu sonho da moradia própria e que ainda hoje representa a sua esperança de dias melhores.

Após a conversa, tivemos a oportunidade de analisar os álbuns de fotografias datadas pertencentes a Dona Vanda. As fotografias registram muitos dos momentos da história do bairro mencionados na entrevista, como a realização das quadrilhas, festas de natal, participação em micaretas, inauguração do posto de saúde e da creche. Personalidades políticas importantes da história de Feira de Santana também aparecem nas fotos. Cada fotografia estava acompanhada de comentários repletos de memórias significativas.

Ao sair da casa de Dona Vanda, fomos convidados/as a conhecer a Associação de Moradores Novo Lar que funciona em um estabelecimento localizado ao lado da casa da entrevistada. Tivemos a oportunidade de observar o mural informativo da Associação que está completando 35 (trinta e cinco) anos de existência e ouvir as palavras de Nerivam (atual dirigente da Associação) sobre a história e conquistas da instituição.

A tarde que passamos na casa de Dona Vanda foi extremamente prazerosa para mim e para os/as estudantes. Como é bom conhecer a história do local onde vivemos! Como é bom conhecer a nossa história! Como é bom ratificar que sujeitos históricos geralmente silenciados como as mulheres pretas possuem a sua importância, a sua grande contribuição para a História!

Fotografia 8: Registro dos/das estudantes manuseando e analisando fotografias do arquivo pessoal de Dona Vanda.¹²⁹



Fotografia 9: Registro dos/das estudantes manuseando e analisando fotografias do arquivo pessoal de Dona Vanda.¹³⁰



As fotografias que fiz registram o interesse dos/das alunos/as em conhecer a história do bairro, em presenciar a representação através de imagens das histórias contadas por Dona Vanda. A forma como os álbuns estavam organizados e as fotos devidamente datadas e legendadas deixaram os/as estudantes e a professora admirados. Os meninos e as meninas que atuaram como verdadeiros pesquisadores conseguiram ter a percepção do quanto o bairro é importante para Dona Vanda e a sua família.

¹²⁹ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana. Registro capturado em 29/06/2023.

¹³⁰ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana. Registro capturado em 29/06/2023.

Fotografia 10: Dona Vanda e seu filho Nerivam.¹³¹



Fotografia 11: Professora, estudantes, Dona Vanda e Nerivam.¹³²



¹³¹ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana. Idem.

¹³² Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana. Idem.

Fotografia 12: Explicação de Nerivam sobre o papel da Associação Novo Lar.¹³³



Após a entrevista, solicitei que os alunos e as alunas escrevessem breves comentários sobre a valorosa experiência vivenciada por nós na casa de Dona Vanda e na Associação. Pedi que eles/elas evidenciassem o que consideraram mais importante nos relatos ouvidos para posteriormente socializar com a turma. Os textos demonstraram que a experiência foi importante, pois possibilitou o acesso a história do bairro, o conhecimento de como se deu o processo das conquistas no espaço e o papel dos moradores em cada ação.

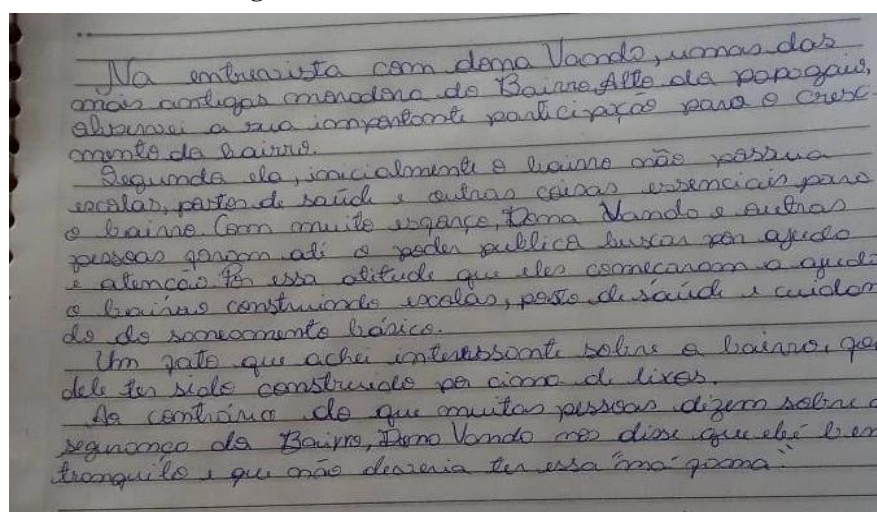
Selecionei os textos da aluna Roseane e do aluno Thiago como exemplos do que foi escrito pelos/as estudantes presentes naquela tarde. Chamou a minha atenção a importância atribuída às conquistas realizadas por Dona Vanda e outros moradores do bairro. Nos relatos observamos os destaques para o fato de que as melhorias realizadas no Papagaio não foram resultado da bondade das autoridades, mas frutos de muita luta por parte dos residentes da localidade. Tal constatação contribuiu para trazer à tona uma discussão frequentemente realizada em nossas aulas na abordagem de diversas temáticas: os direitos e as melhorias concedidas às camadas populares, aos grupos marginalizados e silenciados, são resultado das suas próprias lutas, dos seus próprios mecanismos de resistência.

A aluna Roseane ainda destacou o fato do Papagaio ter sido construído em cima de lixo. Diferentemente dos bairros construídos para atender às camadas dominantes, o Papagaio foi construído em um local desvalorizado e sem qualquer tipo de planejamento ou organização. O desenvolvimento e as melhorias vivenciadas no bairro e conquistadas

¹³³ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana. Registro capturado em 29/06/2023.

pelos primeiros moradores, despertaram o interesse dos investidores que passaram a enxergar a área como promissora, tornando-a foco da especulação imobiliária.

Fotografia 13: Texto da aluna Roseane Silva.¹³⁴



Na entrevista com dona Vanda, uma das
mais antigas moradoras do Bairro Alto da papagaia,
destaquei a sua importante participação para o cres-
cimento do bairro.

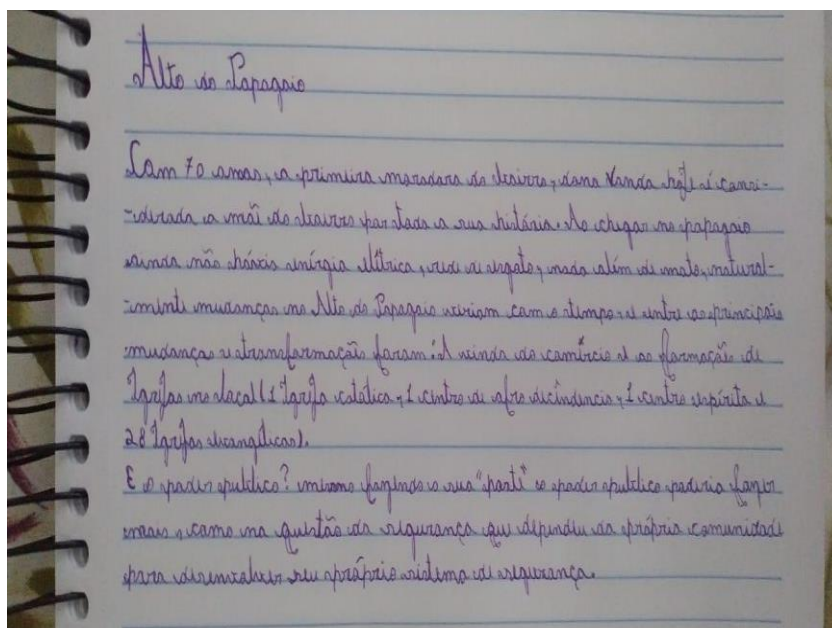
Segundo ela, inicialmente o bairro não possuía
escolas, posto de saúde e outras coisas essenciais para
o bairro. Com muito esforço, Dona Vanda e outras
pessoas pressionaram o poder público buscarem ajuda
e atenção. Por essa atitude que eles começaram a ajudar
o bairro construindo escolas, posto de saúde e cuidam
do do saneamento básico.

Um fato que achei interessante sobre o bairro, que
dele ter sido construído por cima de lixo.

No contrário do que muitas pessoas dizem sobre a
segurança do Bairro, Dona Vanda me disse que ela é bem
tranquila e que não desceria ter essa "ma' fama".

¹³⁴ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana.

Fotografia 14: Texto do aluno Thiago de Jesus Leite.¹³⁵



Os/as estudantes que participaram da entrevista ficaram impressionados com a memória de Dona Vanda e relataram isso aos demais colegas. Dessa forma, tive uma ótima oportunidade para tratar da valorização do saber dos mais velhos, da importância de buscar conhecer suas experiências, suas memórias e de utilizá-las como fonte de saber histórico. Indivíduos que vivenciaram contextos com características diferentes e que muitas vezes apresentam percepções diferentes das nossas.

De acordo com Le Goff, a memória é uma narrativa baseada em experiências, sejam individuais ou coletivas e organizadas de forma espacial e temporal. Ela é, por excelência, subjetiva e é também seletiva, tal como a história. Os processos de seleção, no entanto, podem ser conscientes ou inconscientes. A memória pode ser desde uma forma de contar uma vida e as experiências vividas nela, quanto um mecanismo de poder usado de forma institucional ou governamental.¹³⁶

As seleções operadas pela memória individual dizem respeito a uma questão perceptiva do ser humano e seu entorno. Ela nunca é isolada do todo, sendo o ser humano social por definição, as lembranças de vida que tem uma única pessoa são também de sua inserção em um contexto social, político, familiar, nacional, étnico, de gênero, etc. A lembrança é uma construção do passado baseada em elementos do presente e sofre alterações de narrativa de acordo com novos dados, contextos ou com a lembrança de

¹³⁵ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana.

¹³⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora da Unicamp: Campinas, 1990.

terceiros. A memória nunca é totalmente simulada, mas também não é uma absoluta certeza. Os eventos descritos por quem conta uma história tem mais a ver com o impacto causado por eles em seu psicológico e na sua formação do que com o impacto político ou social deles.

A partir dos pressupostos presentes na obra de Le Goff, analisamos e interpretamos as valiosas memórias de Dona Vanda. Jamais esquecerei, e acredito que os/as estudantes que me acompanharam também não, dos seus relatos e do seu profundo amor pelo bairro do Papagaio.

3.4-Quarta etapa: entrevista com Dona Teresa, Dona Rose e Samara

Prosseguindo em nossas conversas, a partir da indicação da aluna Aline Silva, moradora do bairro do Papagaio, chegamos (a professora e desta vez com 10 estudantes) no dia 11/10/2023, a casa da senhora Teresinha Santana dos Santos (Dona Teresa) de 66 anos de idade, mãe de uma filha e avó de dois netos. Aline, vizinha de Dona Teresa, me passou o contato da filha dela, Lane, e a partir daí marcamos o dia da nossa entrevista.

Os 10 estudantes que participaram da entrevista foram aqueles e aquelas que tiveram interesse e disponibilidade para participar do momento. Como já foi mencionado anteriormente, a maior parte da turma possui a necessidade de trabalhar e não conseguiu dispensa dos respectivos postos de trabalho. A quantidade de estudantes também foi limitada pela existência de um único meio para transportar os/as que moravam mais longe, o veículo da professora.

Na casa de Dona Teresa também tivemos a oportunidade de conversar com a senhora Rose Souza de 58 anos, mãe de duas filhas, amiga de Dona Teresa, e com Samara Lima de 24 anos, sobrinha de Dona Teresa e também mãe de duas meninas.

Vivemos mais uma tarde de grande aprendizado, compartilhando experiências e vivências de três mulheres pretas, residentes na mesma rua, que apresentam percepções e compreensões diferenciadas em relação ao Papagaio e suas histórias.

Dona Teresa vive no bairro do Papagaio há 30 anos e, segundo nos contou, o nome Papagaio tem origem na existência de uma grande distribuidora de cocos que pertencia a um parente do ex-prefeito João Durval Carneiro. Não havia moradores e a área era totalmente destinada a produção do côco que atraía um grande número de pássaros. Dessa forma, a região foi apelidada de “papagaio” e mais tarde deu origem ao bairro.

A moradora também narrou que a área começou a ser habitada através da

desativação da distribuidora e a implementação do Centro Dionesano, que funciona na região até o presente momento. De acordo com Dona Teresa, foi de fundamental importância para o povoamento da região, a execução de um projeto por parte da prefeitura com o objetivo de garantir moradias para mães solteiras. A Prefeitura de Feira de Santana comprou o terreno e dividiu em lotes que foram distribuídos para as mães solteiras cadastradas. Dona Teresa afirmou que “muitas mulheres foram buscar o seu lotezinho que precisava ser pequeno para dar para todo mundo”.¹³⁷ Ela falou com brilho nos olhos sobre o ex-prefeito Coulbert Martins (pai) que lhe concedeu a oportunidade de ter o “seu cantinho”. O paternalismo tão marcante na trajetória da história brasileira ficou evidente em suas palavras. A moradora enxergava a aquisição do seu lote de terra não como um direito conquistado, uma garantia constitucional, mas como o resultado da benevolência de um político visto como pai protetor, como um verdadeiro herói.

Ao conversar com os/as estudantes após a entrevista, fizemos uma relação da postura de Dona Teresa com alguns conteúdos trabalhados na disciplina História durante o ano letivo vigente: Coronelismo, Era Vargas, República Populista. Essa relação nos fez compreender o quanto o paternalismo político observado de forma evidente nos momentos mencionados ainda se faz presente no Brasil. O paternalismo geralmente acontece em regiões marcadas pela pobreza e miséria e se estabelece através da concessão de favores que usualmente resolvem de forma paliativa os dilemas daquele grupo social. Em muitas situações, observamos que os políticos paternalistas são venerados como “homens fortes” e benevolentes.

Prosseguindo com os resultados da nossa entrevista, Dona Teresa explicou que assim que os lotes foram liberados, os novos moradores, que não tinham condições de pagar pedreiros, tomaram posse e passaram a construir, eles próprios, as suas casas com materiais cedidos pela prefeitura.

Dona Teresa também lembrou que quando chegou ao Papagaio havia apenas uma fonte de água que abastecia todas as casas. A cooperação e parceria entre os moradores foi fundamental para criar melhores condições de vida. Foi impossível não lembrar do que foi contado por Dona Vanda sobre as lutas empreendidas pela Associação de Trabalhadores que possibilitou uma série de conquistas para o bairro que hoje já abriga uma terceira geração.

¹³⁷ Entrevista fornecida pela senhora Teresinha Santana dos Santos à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

Ainda de acordo com Dona Tereza, com o progresso e desenvolvimento da região, uma parte dos primeiros moradores vendeu os seus lotes a fim de lucrar com a valorização dos terrenos. Ela afirma também que muitos dos fundadores do bairro já faleceram, podendo ser verificada uma renovação da população que reside na localidade.

Ficou evidente na narrativa de Dona Teresa uma crítica aos moradores que venderam as suas casas. Para ela, esse moradores não valorizaram a luta e o esforço para conseguir os lotes e construir as casas: “Eu não tinha nada. Como é que vou vender o que eu não tinha?”.¹³⁸ Dona Teresa nos mostrou as estruturas da sua casa que vem sendo construída há 30 anos e, de acordo com ela, ainda falta muito para ser feito.

A entrevistada nos contou que nasceu em uma fazenda próxima ao distrito de Ipuacu, na zona rural de Feira de Santana. Contou também que passou a trabalhar em um conhecido restaurante chamado “Picuí” (local onde trabalhou por 30 anos) e lá ficou sabendo da oportunidade de adquirir um lote onde hoje é o Papagaio. Segundo ela, foi através da ajuda de políticos locais como Carlos Brito e Ildes Ferreira que conseguiu tomar posse do terreno. Ela fez referência a esses nomes revelando muita gratidão e carinho. Conta com emoção do dia que pediu dispensa ao patrão, que, segundo ela, não hesitou em conceder, e chegou onde hoje é o Papagaio, sendo transportada por uma caçamba, para participar da divisão dos terrenos.

Ao conversar também com Dona Rose, vizinha e amiga de Dona Teresa, ouvimos que o Papagaio parecia uma fazenda abandonada, marcada pela existência de coqueiros e uma grande granja. Segundo ela, mais tarde, o espaço ocupado pela granja serviu para abrigar a atual creche do bairro. Antes de morar no Papagaio, Dona Rose morava em uma casa de aluguel no bairro Conceição. Ficou sabendo do bairro através da indicação de amigos, e conta que inicialmente a região era muito feia e que ela sentiu muito medo.

Dona Rose lembrou também que a localidade não possuía água encanada e energia. A água utilizada era proveniente de uma única fonte onde filas imensas se formavam a partir das 5:00h da manhã, sendo que os últimos da fila quase sempre ficavam sem água. As dificuldades eram imensas, principalmente devido ao fato de a maior parte das moradoras ser constituída de mães que possuíam muitos filhos pequenos com várias necessidades. Porém, Dona Rose afirmou que se tratava de um momento em que “a política prometia e cumpria”. O nome do ex-prefeito José Ronaldo foi citado várias vezes como o

¹³⁸ Entrevista fornecida pela senhora Teresinha Santana dos Santos à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

responsável pelas melhorias vivenciadas pelo bairro, aquele que “prometeu e em pouco tempo cumpriu sua promessa”.¹³⁹ Dona Rose afirmou ter sido interpelada diretamente pelo ex-prefeito, na época em que o mesmo era deputado, para saber quais as necessidades do bairro. De acordo com as moradoras, antes das obras realizadas por José Ronaldo, a única fonte de energia eram as chamadas “gambiarras” ou os “gatos”.

Dona Rose também evidenciou a falta de transporte, afirmando que distâncias imensas precisavam ser percorridas a pé para que os moradores pudessem trabalhar. Fez referência também a falta de mercados e vendas próximos a localidade, dificultando muito o acesso aos alimentos básicos.

Chamou muito a minha atenção a evidência dada aos políticos, a gratidão à eles, mas, sobretudo, o destaque a participação popular nas conquistas alcançadas. Tanto Dona Teresa, quanto Dona Rose, atribuem grande relevância as lutas e reivindicações realizadas pela população que pressionava intensamente o poder público.

Dentre as dificuldades iniciais, teve grande destaque na fala de Dona Rose, a situação vivenciada pelas mulheres solteiras que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar as suas crianças. Como não havia creche, aquelas vizinhas que podiam ficar em casa cuidavam dos filhos e das filhas das demais que precisavam se ausentar para trabalhar e não cobravam nada por isso.

A gente trabalhava. A gente era mãe solteira. Eu tinha meu esposo, mas entre aspas, eu gosto de contar a verdade. Eu tinha que sair para trabalhar. E minhas duas filhas? Era onde entrava a parte da colaboração das vizinhas que não trabalhavam. Alguém ficava com as meninas, cuidavam e a gente encontrava do jeito que deixava e não tinha custo.¹⁴⁰

As palavras de Dona Rose me fizeram refletir o quanto é importante e o quanto faz a diferença a parceria e solidariedade entre mulheres, sobretudo pretas, que trabalham dentro e fora de casa, que lutam arduamente pelo sustento dos seus filhos e, raramente, recebem qualquer tipo de apoio dos genitores das crianças.

A narrativa de Dona Rose também evidencia a vulnerabilidade das relações afetivas de muitas mulheres. Ela afirmou que tinha marido, mas depois afirmou que gostava de dizer a verdade. Portanto, ela o considerava marido, mas ele provavelmente não vivia com ela e as crianças. Talvez fosse casado e tivesse outra família, talvez fosse solteiro e não reconhecia a família. O relato da entrevistada destaca a situação de vulnerabilidade que

¹³⁹ Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁴⁰ Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza a pesquisadora e demais alunos integrantes da pesquisa em 11/10/2023

afeta muitas mulheres brasileiras que assumem sozinhas o sustento e criação dos seus filhos.

Dona Rose também descreveu a evolução do bairro, mencionou o grande número de pessoas novas que chegaram e afirmou, assim como Dona Teresa, que hoje não conhece mais muita gente. Inclusive, alguns estudantes que moram no bairro e estavam presentes na nossa conversa, não foram reconhecidos por ela.

As entrevistadas destacaram a existência de vários mercados, farmácias, colégio, posto de saúde, ou seja, uma infraestrutura que tornou a vida dos moradores menos penosa e proporcionou melhores condições de moradia para os fundadores e fundadoras do bairro e aqueles e aquelas que chegaram depois. Inclusive, no momento da nossa conversa, nos atentamos para uma escola municipal de grande porte, muito próxima a casa de Dona Teresa, que está sendo reformada e ofertará aulas nos três turnos, facilitando muito a vida da população que deseja estudar.

Dona Rose também afirmou não ter o que reclamar atualmente do bairro. Reconhece que existem problemas sociais, mas acredita que esses problemas existem em qualquer lugar. Para ela, o bairro constitui não apenas um espaço de moradia, mas um espaço de carinho, de compartilhamento de histórias, de construção de vínculos. Ela afirmou que,

Se você me der uma casa na Fraga Maia, eu afirmo de coração que não quero. Minha casa é humilde, mas eu não quero. Até mesmo porque Fraga Maia hoje só tem ponto comercial e eu gosto de paz, eu gosto de sossego. Na minha rua é o que eu tenho. Na minha rua, se você bater na casa de qualquer um e pedir um almoço, eles te dão, um café eles te dão. Se você precisar sair, alguém toma conta do seu neto... E a gente tem confiança de deixar naquela casa. Eu não tenho o que reclamar daqui. No início foi ruim, foi, mas é a dificuldade de quem tá começando a vida dependendo de algo que não é seu. Hoje, somos aposentadas, temos nossa casa e não devemos nada a ninguém. E eu sou grata. Amo o meu bairro !¹⁴¹

Considero muito interessante a forma como Dona Rose se refere a Avenida Fraga Maia (uma das regiões mais cobiçadas da cidade). A localidade próxima ao bairro do Papagaio que é ambicionada por muitos devido a sua infraestrutura e desenvolvimento, não é de interesse da moradora que prefere a paz e o sossego do Papagaio. Além de ser ele resultado de sua conquista.

Sobre a importância das mulheres para a construção do bairro, Dona Rose destacou

¹⁴¹ Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

a participação delas nas melhorias alcançadas pelo Papagaio. Ela nos contou que sempre havia uma ou mais mulheres organizando um abaixo assinado para conseguir algo que era necessário. Justificou que nunca pôde estar a frente dos movimentos devido as exigências do trabalho, mas que sempre assinou os documentos que eram enviados aos poderes públicos.

Dona Rose e Dona Teresa passaram para mim e para os/as estudantes a ideia de que as mulheres foram as grandes protagonistas no que diz respeito ao desenvolvimento e as melhorias materiais do bairro. Foram essas mulheres pretas que se empenharam e lutaram arduamente para conquistar melhores condições de vida, para si mesmas e para os seus filhos e suas filhas.

No decorrer dos depoimentos, indaguei as entrevistadas sobre o grande número de notícias retratando o Papagaio como um bairro violento e perguntei o que elas achavam desses registros difundidos pela mídia. Dona Rose afirmou não concordar com essa imagem de um bairro violento. Para ela, a violência existente no Papagaio é a mesma dos outros bairros, se tratando de casos isolados. Nos contou, inclusive, que em 1994, quando chegou ao bairro, teve muito medo devido ao que lhe foi dito, devido a “fama ruim” do Papagaio, mas pôde perceber que a situação não era a relatada, que a localidade é sim pacífica e habitada por “pessoas de bem”.¹⁴²

Nesse momento, Samara, ex-aluna do Teotônio Vilela, sobrinha de Dona Teresa que coordena um reforço escolar na casa da tia, que até então estava apenas ouvindo a nossa conversa, resolveu interferir. Samara afirmou que acredita que o preconceito em relação ao Papagaio e a propagação da imagem associada a violência se dá devido ao fato do bairro não ter sido planejado e organizado como outras localidades da cidade. Dessa forma, o Papagaio foi marginalizado e criminalizado. Samara inclusive nos contou que tenta trabalhar com as crianças que participam do seu reforço, a desconstrução dessa imagem, afirmando que os casos de violência que envolvem o Papagaio acontecem de forma esporádica como em qualquer outro bairro da cidade.¹⁴³

Samara, Dona Teresa e Dona Rose não conseguem enxergar a localidade como área de risco e se sentem protegidas onde moram. Dona Rose ainda evidenciou que essa imagem negativa está associada ao fato dos moradores serem em sua maioria pobres e pretos e,

¹⁴² Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁴³ Entrevista fornecida pela senhora Samara Lima à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

“pobres e pretos são vistos como vagabundos”¹⁴⁴, afirmou. Para ela, existe uma tentativa de desmerecer o bairro assim como os pobres e pretos são desvalorizados, silenciados e caluniados pela sociedade.

Ficamos admirados com a consciência de classe, gênero e cor presente nos discursos proferidos por essas mulheres que analisaram de forma contundente as injustiças e discriminações presentes na sociedade em que vivem e ao mesmo tempo demonstraram lutar e resistir contra as diversas formas de opressão.

As palavras de Dona Rose me fizeram lembrar das análises feitas por Angela Davis sobre as imagens historicamente construídas em relação ao povo preto. Imagens que inferiorizam homens e mulheres de cor, que teoricamente não merecem a mesma atenção, os mesmos direitos do povo branco. Homens negros descritos como criminosos em potencial e mulheres negras como promíscuas e desprovidas de qualquer pudor, assim como pobres e pretos são supostos “vagabundos”. Para a autora,

A representação dos homens negros como estupradores reforça o convite aberto do racismo para que os homens brancos se aproveitem sexualmente do corpo das mulheres negras. A imagem fictícia do homem negro como estuprador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animalescas, toda a raça é investida de bestialidade.¹⁴⁵

Voltando as nossas entrevistadas, Samara também descreveu a sua opinião sobre o processo de modernização vivenciado pela região, defendendo que os benefícios verificados nos últimos anos não atendem a população menos abastada, ou seja, aqueles e aquelas que fundaram e povoaram a localidade. De acordo com ela, os benefícios são direcionados aos moradores dos novos condomínios. Ela citou como exemplo os grandes supermercados implementados recentemente na região que vendem os seus produtos “caríssimos”, forçando a população mais pobre a buscar outros mercados em locais distantes. A análise de Samara sintoniza com o conceito de gentrificação, já mencionado neste trabalho, ao evidenciar que as transformações realizadas no bairro aumentaram o custo de vida local, tornando produtos e serviços proibitivos para a maior parte da população periférica.

O estudante Thiago perguntou quanto tempo demorou para que os avanços chegassem ao bairro. Samara respondeu que os avanços ainda estão chegando. Ela contou

¹⁴⁴ Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁴⁵ DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*.-São Paulo: Boitempo, 2016, p.186.

um pouco da sua história de vida, evidenciando que nasceu no bairro e que o seu pai decidiu morar no Papagaio por influência da irmã (Dona Teresa). Samara contou também que brincou durante a sua infância em chão de cascalho e que os calçamentos começaram a ser feitos quando ela tinha 8 anos de idade. Samara destacou a felicidade que sente ao ver suas filhas brincando nas ruas calçadas.¹⁴⁶ Já Dona Rose afirmou que o mais importante para ela foi a chegada da água e energia que passaram a ser implementados em janeiro de 1995 e a partir daí as demais coisas foram sendo estruturadas.

Finalizei a nossa conversa, perguntando o que o Papagaio representa para as três entrevistadas. Dona Rose iniciou afirmando que o Papagaio significa para ela moradia, paz, sossego e vitória, “o sol brilha diferente para mim”.¹⁴⁷ Dona Teresa se referiu ao bairro como o “meu”: “foi onde eu tive posse, um lugar ótimo e eu vivo aqui e quero viver muito”.¹⁴⁸ Samara considera o bairro um lar: “O lugar onde eu nasci, cresci e fui criada e hoje tenho a oportunidade de criar as minhas filhas nesse mesmo lugar, um bairro de paz, de muita gente boa e de muita alegria”.¹⁴⁹

As falas evidenciam a consciência do pertencimento do lugar que foi resultado de uma construção coletiva. As entrevistadas compreendem e valorizam o seu papel enquanto moradoras do Papagaio, possuem o sentimento de pertencerem a uma comunidade e se identificarem com ela. Se sentem parte do Papagaio e se consideram importantes para o bairro.

Antes da nossa despedida, Dona Teresa pediu para falar para os/as estudantes que o Papagaio representa para ela a sensação de “sonho realizado”:

Vocês acreditam em sonho? Depois, pensem em mim e desejem que os seus sonhos se realizem. A minha casa é sempre assim, cheia de jovens, de criança, cheia de alegria, vivemos fazendo festa, a gente se reúne sem medo.¹⁵⁰

Pudemos perceber nas lindas palavras das nossas entrevistadas, o amor, o carinho, o cuidado e o respeito em relação ao local onde moram. Todo esse sentimento despertou em mim e nos/nas estudantes um sentimento de admiração por aquelas mulheres. Mulheres

¹⁴⁶ Entrevista fornecida pela senhora Samara Lima à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁴⁷ Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁴⁸ Entrevista fornecida pela senhora Teresinha Santana dos Santos à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁴⁹ Entrevista fornecida pela senhora Samara Lima à pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana e estudantes do Colégio Estadual Teotônio Vilela em 11/10/2023.

¹⁵⁰ Entrevista fornecida pela senhora Teresinha Santana dos Santos a pesquisadora e demais alunos integrantes da pesquisa em 11/10/2023

fortes, guerreiras, críticas e que lutaram e continuam lutando diariamente por sua felicidade e a felicidade daqueles ao seu redor.

Fotografia 15: Professora, estudantes do 3º ano, Dona Teresa, Dona Rose, Samara, crianças da família e crianças que fazem parte da creche coordenada por Samara¹⁵¹



A imagem acima é um registro da tarde que passamos na casa de Dona Tereza e evidencia que a mesma ainda não está concluída, mas é espaçosa e, aparentemente possui vários cômodos. De acordo com Dona Teresa, está sempre cheia de gente, e é o local de encontro dos familiares. Conseguimos ver na varanda (local onde ficamos) um painel de aniversário de criança, dando a ideia de que ali recentemente ocorreu uma festa. As crianças presentes no espaço (aproximadamente umas 10) possuíam uma aparência saudável, estavam bem cuidadas e brincavam felizes e tranquilas. Durante a entrevista observamos que algumas mães se aproximaram da casa para deixar os seus filhos.

Depois da nossa primorosa tarde recebi alguns relatos feitos pelos/as estudantes que participaram diretamente da atividade:

¹⁵¹ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana. Registro capturado em 11/10/2023.

Fotografia 16: Texto do estudante Lucas Nunes.¹⁵²

A pesquisa da professora Kleidiane foi baseada em um antigo bairro de São de Santana, chamado Papagueio. A busca pelas informações necessárias para a pesquisa de uma antiga moradores do bairro que está lá desde o início do bairro, ela e suas irmãs e amigos, narraram toda a história local, desde o planejamento até as novas construções. De fato a professora não poderia encontrar uma fonte melhor para obter todas as informações históricas e regionais.

Lucas Nunes / 3º A Vespertino.

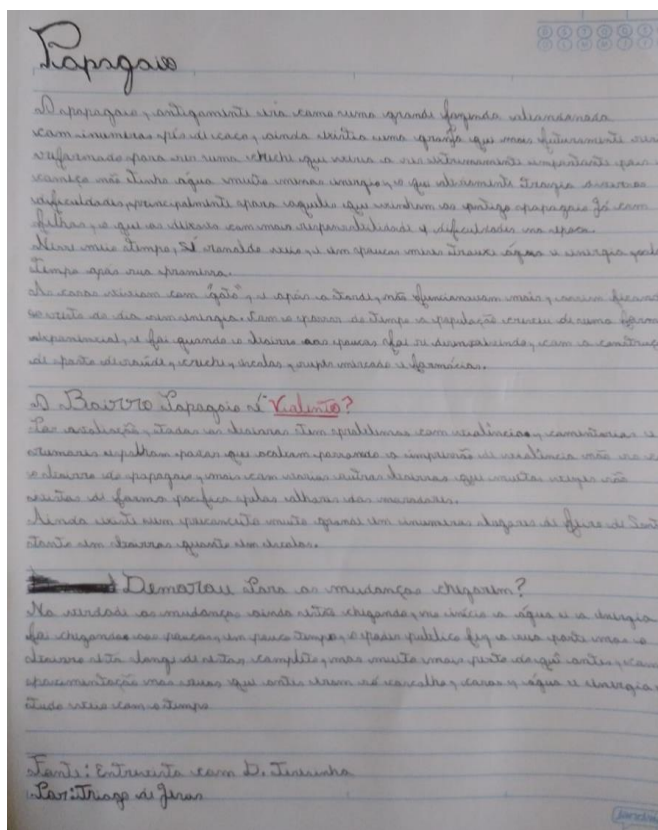
Fotografia 17: Texto do estudante Pablo dos Santos.¹⁵³

A Professora Kleidiane convidou eu e meus 6 alunos, para participarmos de uma entrevista sobre a criação do Papagueio, ~~para~~ chegando lá fomos muito bem recebidos, e logo nos apresentamos para assistir a entrevista. Foram 3 entrevistas, duas delas começaram na criação do bairro, e uma continuação de uma delas. A entrevista foi ~~uma~~ enriquecedora, aprendemos bastante ouvindo sobre suas histórias e sentimentos, conhecendo sobre o futuro do bairro, e etc. Terminando a entrevista tiramos uma foto que não pode faltar quando o assunto é Kleidiane e o bairro e fomos fazer um lanche (de ~~de~~ e mais uma foto) e de lá fomos para o almoço. ~~E~~ ~~na~~ ~~foi~~ ~~o~~ ~~então~~ ~~além~~ ~~foi~~ ~~na~~ ~~tudo~~ ~~acabamos~~ ~~da~~ Kleidiane descrever sua pesquisa sobre o bairro Papagueio.

-Pablo dos Santos
3º Vespertino

¹⁵² Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana.

¹⁵³ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana.

Fotografia 18: Texto do estudante Thiago Leite.¹⁵⁴

3.5-Quinta etapa: socialização das entrevistas

Diante do que foi relatado, pudemos perceber o quão significativas foram as entrevistas realizadas e o entendimento que os/as estudantes tiveram delas. Acredito que os diálogos estabelecidos foram de suma importância não apenas para nós (professora e estudantes), mas também para as mulheres que tiveram a oportunidade de falar e propagar suas histórias. Sair do ambiente formal da sala de aula e trocar experiências com pessoas até então não valorizadas pelo ensino convencional representou uma injeção de ânimo para a professora e os/as estudantes, além de representar um grandioso passo na construção da “educação democrática” defendida por bell hooks,

Professores dotados de visão democrática sobre a educação assumem que esse aprendizado nunca está confinado apenas à sala de aula institucionalizada... Quando incorporamos o conceito de educação democrática, passamos a enxergar ensino e aprendizagem como constantes. Compartilhamos o conhecimento obtido em salas de aula para além daquele espaço, trabalhando, portanto, para desafiar a concepção de que certas formas de saber são sempre e somente acessíveis

¹⁵⁴ Arquivo pessoal da pesquisadora Kleidiane Santiago de Santana.

a elite.¹⁵⁵

A educação democrática envolve a participação ativa dos/das estudantes, a autonomia e a igualdade de oportunidades. Embora enfrente desafios, oferece diversas possibilidades de promover uma educação mais significativa, inclusiva e democrática. As entrevistas realizadas com as mulheres pretas do Papagaio possibilitaram esse papel ativo dos/das estudantes que através da participação direta nas entrevistas se sentiram mais motivados para aprender e promover a construção de relações mais igualitárias e respeitadas dentro e fora da escola. A realização das entrevistas deixou evidente que a história também é construída por mulheres pretas, não pertencentes as classes sociais abastadas.

Como foi mencionado, os/as estudantes que participaram diretamente das entrevistas foram aqueles e aquelas que tiveram disponibilidade e interesse na participação. Depois das entrevistas, ocorreu a produção dos relatos individuais e a partir deles a socialização do que aconteceu através de rodas de conversa com os demais colegas da turma.

As rodas de conversa aconteceram em dois momentos, a primeira após a visita na casa de Dona Vanda e a segunda após a visita na casa de Dona Teresa. Acredito que a primeira roda de conversa motivou a participação de um maior número de alunos/as na realização da segunda entrevista. As conversas foram direcionadas pelos/as estudantes presentes nas casas das entrevistadas. A partir de suas experiências e das fotografias apresentadas, eles e elas contaram o que viram e o que ouviram, envolvendo de forma indireta toda a turma que também passou a conhecer a história do Papagaio através das narrativas de suas mulheres pretas.

O presente trabalho que terá uma cópia disponível na biblioteca do Colégio Estadual Teotônio Vilela, podendo ser utilizado por estudantes das mais diversas turmas e professores/as de história e de outros componentes curriculares, têm o objetivo de estimular e contribuir com a construção de um Ensino de História transformador, da construção de uma educação que rompa com as estruturas hierarquizadas e discriminatórias e promova um ambiente educacional mais justo e igualitário.

Sempre acreditei no ensino e na aprendizagem como componentes de uma relação de troca, uma relação onde os estudantes pudessem participar ativamente, sendo protagonistas do processo educativo. Porém, enquanto professora não sabia como colocar

¹⁵⁵hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021, p.87

as minha aspirações em prática, como romper com o modelo tradicional da aula expositiva, onde os/as estudantes simplesmente assistem ao/a professora. A construção dessa dissertação contribuiu muito para transformar essa realidade e me despertar outras ideias e atividades que poderei realizar no cotidiano escolar.

As leituras, as reflexões, o maior envolvimento da minha pessoa com os/as alunos/as, o envolvimento deles e delas com a pesquisa realizada e as histórias contadas pelas mulheres entrevistadas, me fizeram enxergar um novo caminho enquanto professora de História. Acredito que me fizeram desenvolver uma prática muito mais aberta e libertária. Vivi uma transformação enquanto professora e enquanto moradora de um bairro construído a partir da luta e da coragem de tantas mulheres admiráveis. Conhecer a história do Papagaio proporcionou a mim e aos/as estudantes o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e valorização do local onde vivemos.

Espero que esse trabalho, que tanto me fez refletir e tentar aprimorar a minha prática enquanto professora, também sirva de inspiração para colegas e estudantes que buscam uma educação democrática. Acredito que essa dissertação possa estimular também o estudo de outros grupos historicamente silenciados e outras localidades marginalizadas na cidade de Feira de Santana e região, cumprindo assim o papel da educação enquanto instrumento de transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula amorosa é um lugar onde estudantes aprendem, tanto pela presença quanto pela prática do professor, que a troca crítica pode acontecer sem diminuir o espírito de ninguém, que as tensões podem ser resolvidas de forma construtiva. Esse não será necessariamente um processo simples.

bell hooks, 2021¹⁵⁶

As palavras magistrais de bell hooks foram escolhidas para finalizar esse trabalho por sintetizar muito bem os objetivos iniciais da pesquisa que se delinearam: a contribuição para a construção de uma sala de aula amorosa, contribuição para implementação de uma educação democrática que seja pilar para o desenvolvimento de uma sociedade menos injusta e discriminatória.

Enquanto mulher preta e professora de História da rede pública que visa colaborar de alguma forma para a construção dessa tão sonhada educação amorosa e democrática, me propus a realizar essa pesquisa pautada na necessidade de discutir os seguintes marcadores norteadores: gênero, raça e ensino de história.

A minha trajetória marcada pelo sexismo e pelo racismo e as experiências vivenciadas como professora do Colégio Estadual Teotônio Vilela em Feira de Santana desde 2011, que assim como tantos outros espaços possui muitas relações pautadas nas desigualdades racial e de gênero, serviram de grande motivação para o desenvolvimento desse trabalho que buscou inicialmente responder as perguntas presentes em sua introdução: de que maneira o ensino de História pode contribuir com a construção de projetos educativos democráticos, antirracistas e emancipatórios na escola onde eu atuo? O que efetivamente posso fazer para contribuir com esta transformação?

Diante dessa realidade lancei como proposta, com o auxílio dos/das estudantes do 3º ano vespertino, a construção da história do bairro do Papagaio, bairro periférico da cidade de Feira de Santana-Ba, onde reside a professora e boa parte dos alunos e das alunas, através dos relatos das mulheres pretas fundadoras da comunidade.

A pesquisa buscou a valorização daquelas que quase sempre são silenciadas pela história tradicional: as mulheres pretas. A busca por evidenciar o papel dessas mulheres enquanto sujeitos históricos teve o propósito de envolver a comunidade escolar no combate as opressões pautadas nas questões raciais e de gênero.

Através da construção da história do bairro contada por essas mulheres pretas

¹⁵⁶ hooks, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021, p.211

fundamentais para a fundação e desenvolvimento da localidade, ficou evidente o protagonismo que elas exerceram e exercem. A partir dessa constatação, desenvolvemos reflexões com o objetivo de contribuir para que os alunos e as alunas percebam a importância das mulheres pretas enquanto sujeitos históricos e repensem as relações pautadas nas hierarquias raciais e de gênero.

A presente dissertação, construída com a participação dos/das estudantes do 3º ano que acompanharam a professora nas entrevistas, passou a constituir um material de auxílio didático com os relatos das entrevistadas e fotografias, estando vinculada a linha 1 de pesquisa, “Saberes históricos no espaço escolar”. A estrutura da dissertação se deu a partir do desenvolvimento de três capítulos que elencaram os pontos-chaves para a construção do trabalho: o primeiro capítulo “Gênero, Raça e Ensino de História: Mulheres pretas como sujeitos históricos”; o segundo capítulo “O Bairro do Papagaio e o Colégio Estadual Teotônio Vilela: espaços de reflexão”; e o terceiro capítulo “A construção da História do Papagaio contada pelas mulheres pretas do bairro”.

O primeiro capítulo, “Gênero, Raça e Ensino de História: mulheres pretas como sujeitos históricos”, tem como proposta a análise dos marcadores que foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. A partir das leituras de autores e autoras como Nilma Lino Gomes, bell hooks, Roberto Rafael Dias da Silva, Maria Lugones, Djamila Ribeiro, Carla Basanezi Pinsky, Miriam Pillar Grossi, Kimberlé Crenshaw, Joan Scott, Jurjo Torres Santomé, Joana Maria Pedro, Angela Davis, entre outros e outras, fizemos uma análise das relações hierarquizadas de raça e gênero, descrevendo rapidamente a história do movimento feminista no Brasil e no mundo, evidenciando a ausência, durante muito tempo, de pautas que representassem as mulheres pretas. Ressaltamos também o conceito de interseccionalidade referente às discriminações de raça e gênero vivenciadas ao mesmo tempo por mulheres pretas que sentem as duas formas de opressão não de formas separadas, mas como algo conjugado e indissociado. Ainda ressaltamos, a partir das análises de Silvio Almeida, o silenciamento das importantes histórias que envolvem a população preta como fruto do racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira.

Ainda fazendo referência ao primeiro capítulo, abordamos o ensino de história, destacando a necessidade de descolonizar os currículos e as práticas que envolvem a educação, lançando mão de estratégias que valorizem os até então silenciados pela história branca, masculina e de elite, trabalhada na maior parte das salas de aula e presente na maioria dos livros didáticos. Destacamos também a importância da utilização da história das localidades/comunidades e da história oral como forma de descolonizar o ensino de

história. Discutir a história de bairros, como a do Papagaio, pode romper com hierarquias espaciais construídas historicamente, valorizando a oralidade e registrando vozes de sujeitos silenciados pela história tradicional.

No segundo capítulo, “O Bairro do Papagaio e o Colégio Estadual Teotônio Vilela: espaços de reflexão”, fizemos uma análise dos espaços de desenvolvimento da pesquisa, o bairro do Papagaio e o Colégio Estadual Teotônio Vilela, e dos integrantes da pesquisa, os/as estudantes do 3º ano vespertino.

Ao fazer referência ao bairro do Papagaio, destacamos que a comunidade é frequentemente mencionada nos periódicos da cidade a partir de casos que envolvem criminalidade e demais problemas sociais, contrariando a visão que muitos dos moradores tem sobre a localidade. Assim chegamos a conclusão de que a imprensa evidencia os casos de violência em bairros periféricos contribuindo para a disseminação do preconceito e a criação de estereótipos, associando, principalmente, os jovens pobres e pretos ao crime.

Ainda sobre o Papagaio, evidenciamos também as recentes transformações vivenciadas pelo bairro que vem passando por um processo de forte especulação imobiliária, atraindo um grande número de condomínios de classe média e elite. A atração desses novos moradores vem impulsionando um grande investimento na infraestrutura do bairro que visa favorecer um público historicamente privilegiado, negligenciando as necessidades da população pobre que sempre residiu na localidade.

Em relação ao Colégio Estadual Teotônio Vilela, pertencente à rede estadual de educação, localizado na cidade de Feira de Santana, onde atuo como professora de História e Filosofia desde 2011, trata-se de uma escola de grande porte, que funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com ensino fundamental II, médio regular, médio integral, técnico e educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola que está situada em bairro de classe média, mas atrai um grande público proveniente das periferias, se destaca pela qualidade do ensino e o desenvolvimento de projetos que envolvem a comunidade.

O segundo capítulo chega ao fim com a apresentação dos/das protagonistas da nossa pesquisa: os/as estudantes do 3º ano vespertino. Esses alunos e alunas, com faixa etária entre 18 e 22 anos de idade, estudam, em sua maioria, no Teotônio Vilela desde o 6º ano, e conciliam as atribuições da escola com o trabalho em restaurantes, bares, lanchonetes, supermercados, salões de beleza, barbearia, oficinas, entre outros estabelecimentos. Muitos e muitas possuem famílias com baixo grau de instrução e vivenciam graves dificuldades financeiras. Apesar de todos os empecilhos, aderiram com entusiasmo a proposta presente nesse trabalho. Inclusive, os/as estudantes que

participaram das entrevistas tiveram que negociar folgas ou dispensas com seus estabelecimentos de trabalho. São esses meninos e essas meninas, os meus heróis e as minhas heroínas que enfrentam diariamente tantos desafios para cumprir o papel de estudante, que fazem a nossa luta diária valer a pena.

O terceiro e último capítulo, “A construção da História do Papagaio contada pelas mulheres pretas do bairro”, é a cereja do bolo, um capítulo construído com muito amor e carinho. Esse capítulo evidencia a metodologia utilizada na pesquisa, com destaque para a descrição e análise das entrevistas realizadas com as mulheres pretas moradoras do bairro do Papagaio.

A metodologia implementada teve início com uma roda de conversa sobre o silenciamento das mulheres, em especial as pretas, envolvendo toda a turma do 3º ano. A partir de uma discussão enriquecedora, na qual muitas alunas relataram episódios em que foram vítimas de opressão racial e de gênero, conseguimos realizar uma análise das estruturas preconceituosas e hierarquizantes da nossa sociedade.

Nesse mesmo momento, a partir da exibição do vídeo “O bairro Liberdade e história de Chaguinhas” e a apresentação de fotos antigas da cidade de Feira de Santana, conversamos sobre o local onde os/as estudantes vivem e a história dessas localidades. Muitos e muitas afirmaram nada saber sobre a história do seu bairro e da sua cidade, diante disso, lancei o desafio de estudarmos a história do bairro do Papagaio através de entrevistas realizadas com as mulheres pretas participantes de sua fundação. O desafio foi aceito, elaboramos de forma coletiva as perguntas norteadoras das entrevistas e os alunos e as alunas passaram a buscar os nomes e contatos das mulheres que deveriam ser entrevistadas.

A nossa primeira entrevistada foi Dona Vanda, a chamada “mãe do bairro”, que nos deixou admirados com a riqueza dos detalhes apresentados por sua memória. Dona Vanda nos contou sobre as dificuldades enfrentadas pelos primeiros moradores da comunidade e a luta para conquistar as melhorias necessárias. Após a entrevista tivemos ainda a oportunidade de analisar álbuns de fotografias pertencentes a Dona Vanda que registram muitos momentos importantes da história do bairro. Conhecemos também a associação de moradores do bairro localizada ao lado da casa de Dona Vanda atualmente dirigida por seu filho Nerivam.

Prosseguindo com a metodologia escolhida para desenvolver a pesquisa, em outro momento, chegamos até a casa de Dona Teresa e lá tivemos a oportunidade de entrevistá-la assim como sua amiga Dona Rose e sua sobrinha Samara. As mulheres entrevistadas

nos contaram sobre a fundação do bairro, as dificuldades encontradas pelos primeiros moradores e fizeram uma análise crítica e reflexiva sobre as mudanças vivenciadas pela região que visam apenas favorecer a elite moradora dos novos condomínios.

As quatro mulheres entrevistadas demonstraram profundo amor e respeito pelo bairro onde moram, sua história, seu povo e suas características. Serei sempre grata a essas mulheres e ao PROHISTÓRIA pela oportunidade de viver essa experiência indescritível.

Após a realização das entrevistas, os /as estudantes que tiveram a oportunidade de participar, escreveram breves relatos sobre suas impressões e análises. Tais textos direcionaram a realização de rodas de conversa com o objetivo de socializar as experiências e envolver aqueles e aquelas que não puderam ter contato direto com as entrevistadas.

Como foi ressaltado no capítulo, essa dissertação ficará disponível na biblioteca do Colégio Estadual Teotônio Vilela para consulta dos/das estudantes e de professores e professoras de história e outros componentes curriculares com o objetivo de estimular e incetivar a prática de uma educação democrática e libertadora que valorize os historicamente marginalizados e que contribua para reduzir preconceitos e opressões.

FONTES UTILIZADAS:

ACORDA CIDADE. REGIÃO DO BAIRRO PAPAGAIO TEM CRESCIMENTO NOTÁVEL. <https://www.acordacidade.com.br/noticias/regiao-do-bairro-papagaio-tem- crescimento-notavel/>, acesso em 22/06/2023.

Entrevista fornecida pela senhora Ivone da Silva Gonçalves a pesquisadora e demais alunos integrantes da pesquisa em 29/06/2023

Entrevista fornecida pela senhora Teresinha Santana dos Santos a pesquisadora e demais alunos integrantes da pesquisa em 11/10/2023

Entrevista fornecida pela senhora Rose Souza a pesquisadora e demais alunos integrantes da pesquisa em 11/10/2023

Entrevista fornecida pela senhora Samara Lima a pesquisadora e demais alunos integrantes da pesquisa em 11/10/2023

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm, acesso em 04/02/2023

LEI Nº 12.990, DE 9 DE JUNHO DE 2014,
[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112990](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112990.htm).htm, acessado em 04/02/2023.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2016. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/41/atlas-da-violencia-2016>, acessado em 04/02/2024.

O PROTAGONISTA. BAIRRO MAIS VIOLENTO DE FEIRA DE SANTANA TEVE 42 ASSASSINATOS EM 2020. <https://oprotagonistafsa.com.br/noticia/bairro-mais-violento-de-feira-de-santana-teve-42-assassinatos-em-2020> , acessado em 15/06/2023.

PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA. BAIRRO DO PAPAGAIO É CONTEMPLADO COM A PAVIMENTAÇÃO DE 14 RUAS.

<https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Bairro%20do%20Papagaio%20E9%20contemplado%20com%20a%20pavimentacao%20de%2014%20ruas&id=11&link=secom/noticias.asp&idn=19004>, acessado em 22/06/2023

PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA. URBANIZAÇÃO DÁ NOVA CARA PARA O BAIRRO PAPAGAIO.

<https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Urbanizacao%20da%20cara%20para%20o%20bairro%20Papagaio%20&id=12&link=secom/noticias.asp&idn=26740>, acessado em 22/06/2023.

SIMAS, Adilson. A última feira-livre realizada no centro da cidade de Feira de Santana. Jornal Grande Bahia. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2017/01/a-ultima-feira-livre-realizada-no-centro-da-cidade-de-feira-de-santana-por-adilson-simas/>, aceso em 15/03/2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História in: PINSKY, Carla B.(org.). Fontes históricas, São Paulo: Contexto. v. 2, p. 155-202, 2005.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>

ALMEIDA, Jucicleide Da Silva. *Ensino de História das Mulheres: Experiência na Educação de Jovens e Adultos – EJA em Imperatriz – MA*. Dissertação, UFT, 2018.

ANDRADE, Mariana Sousa de REIS, Lysie dos Reis. O estudo das avenidas como método de análise sobre o desenho urbano da cidade. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade-UNICAMP, novembro/2017, disponível em : https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?numeroPagina=1&artigo_id=89

ASSIS, Elisabete Xavier. O ensino da história local e sua importância. REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar do Núcleo das Licenciaturas, UNIVALI. N.1, 2013.

AZEVEDO, Paula Tatiane de. *É para falar de gênero sim! Uma experiência de formação continuada para professoras/es de história*. Dissertação, UFRGS, 2016.

BARBIERO, Cristiane Maria. *Ensino de história local para crianças: (re)construindo histórias de Paranhos*. Dissertação, UEMS, 2018.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: redescobrimos sentidos. Saeculum – Revista de História: João Pessoa, 2006.

BARROS, C. H. F. . Ensino de História, Memória e História Local. **Revista de História da UEG** , v. 3, p. 301-321, 2013.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, v.11, n.21, a. 03.indd 20, 2007, p. 17-32.

CAIMI, F. E. . Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. ISBN 9788522517701. In: Helenice Rocha; Marcelo Magalhães; Rebeca Gontijo. (Org.). **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, v. 1.

CARVALHO, Camila Abreu De. Quilombo de Maria Conga em Magé: Memória, Identidade e Ensino de História. Dissertação, Unirio, 2016.

CERRI, Luis Fernando. A formação de professores de História no Brasil: antecedentes e panorama atual. *História, Histórias*. Brasília, v. 1, n. 2, 2013.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. São Paulo. Cad. Pesqui, p. 5-16, 1981.

CUNHA, Bruno Ornelas da. *Jogo Urbano: História local no ensino de história*. Dissertação, UFF, 2016.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.

DE CARVALHO, Paulo Dourian Pereira. O RACISMO ESTRUTURAL NO PENSAMENTO DE SILVIO ALMEIDA. *Revista Cronos*, v. 23, n. 1, p. 130-134, 2022.

FIORAVANTI, Livia Maschio. Reflexões sobre o “direito à cidade” em Henri Lefebvre: obstáculos e superações. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, v. 2, n. 2, p. 173-184, 2013.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. "A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental." *Revista Fato & versões* 1.2 (2009): 3-16.

FRIEDAN, Betty (1971). *A mística feminina*. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo(org). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos in: **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Revista Antropologia em primeira mão*, n. 6. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1998.

GUIMARÃES, Selva. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. *O ensino de História e seu currículo: Teoria e Método*. 3ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010

Hobsbawm, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Editora Paz e Terra, 2015.

hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

JUNCKEN, Marcela Amorim. *A propaganda como reflexo social: um estudo das representações femininas na Revista Capricho a luz das quatro ondas do feminismo*. TCC, UNEB, 2023.

JÚNIOR, Manoel Caetano do Nascimento. *História local e o ensino de história: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas*. VIII Encontro Estadual de História, ANPUH. Feira de Santana, 2016.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Galba. Quem é a mãe do seu bairro? in: *Revista Viva Sustentável*. Disponível em: <http://vivasustentavel.eco.br/quem-e-a-mae-do-seu-bairro/>. Acessado em 08/03/2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. (in): PINSKY, Carla Bassanezi. (org). *Fontes Históricas*. 2.ed.- São Paulo. Editora Contexto, 2008.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *Tabula rasa*, n. 9, p. 73-102, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

OLIVEIRA, Lidiane Souza De. Gênero e Raça na História do Brasil: Reflexões sobre o saber e o fazer dos docentes de história nas escolas da rede estadual de Ribeira do Pombal – Ba . Dissertação, ProfHistória-UNEB, 2020.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *HISTÓRIA*, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Rev. Estud. Fem.* 17 (1) • Abr 2009 • <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100009>

PIRES, Elaine Prochnow. *Ideias históricas de jovens do ensino médio sobre representação das mulheres no ensino de História do Brasil: Estudo de caso*. Dissertação, UDESC, 2016.

QUAIATTO. Denise Belitz. *Ensino de História local: uma história didática de Santa Maria e região*. Dissertação, UFSM, 2016.

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina de. Usos e Incompreensões do Conceito de Gênero no Discurso Educacional no Brasil. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, 2015.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37, 1998.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. Desigualdade de raça e gênero no sistema educacional brasileiro. SEMINÁRIO INTERNACIONAL AÇÕES AFIRMATIVAS NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS: O CONTEXTO PÓS DURBAN. *Anais*. Brasília: Diversidade Educação Infantil, p. 10-55, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. *Revista USP*, n. 28, p. 110-121, 1996.

SANCHES, Jussara Romero. O direito à cidade. *Revista do Direito Público*, Londrina, v. 12, n. 1, p.318-321, abr. 2017. DOI: 10.5433/24122-107817-1X.2017v17n1p318. ISSN: 1980-511X.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. A construção da escola pública como instituição democrática: poder e participação da comunidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 1, p. 51-80, 2001.

SANTOS, Eline de Oliveira. A mulher negra na EJA: Reflexões sobre ensino de história e consciência histórica. UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2018.

SANTOS, José Alcides Figueredo. A interação Estrutural entre a Desigualdade de Raça e de Gênero no Brasil. RBCS. Vol 24,nº 70,junho/2009. SANTOMÊ, Jujo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org). Alienígenas na sala da aula. Uma introdução dos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SARDENBERG Cecilia e MACEDO Márcia. Relações de Gênero: uma breve introdução ao tema. *Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais*. Salvador: UFBA – NEIM,2011.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. *O gênero em questão*: apontamentos. Salvador: NEIM/UFBA, 1992.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.314-344,1994.

SCHIO, Priscila Carboneri. O ENSINO DE HISTÓRIA A SERVIÇO DO COMBATE ÀS DISCRIMINAÇÕES DE RAÇA E DE GÊNERO. ProfHistória Unicamp, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, UFRGS, Porto Alegre ,jul /dez 1995.

SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero:Ainda é uma Categoria Útil de Análise? Albuquerque: Revista de História, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021.

SILVA, Breno Bersot Da.*Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil através de fotografias (séculos XX e XXI)*. Dissertação, UFF, 2016.

SILVA, Marcos Antônio da and FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2010, vol.30, n.60, pp.13-33.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio: Vozes, 1995. Capítulo 9: *Currículo e identidade social*SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículo, poder e história em tempos de tormenta. *REVISTA FATO & VERSÕES*. V. 2 / N. 4 – JUL. DEZ. 2010.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 281-300, 2007.

SOUZA, Rita de Cássia Loubach de. A história local e as suas abordagens nas salas de aula da rede municipal de educação de Nova Friburgo. Dissertação, UFF, 2016.

STOLKE, Verena. O Enigma das interseções: classe, raça ,sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Revista Estudos Feministas*. V.14 n.1, Florianópolisjan/abr. 2006.

VARGAS, Karla Andrezza Vieira. Vozes, Corpos e Saberes do Maciço: Memórias e histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis. Dissertação, UDESC, 2016.